

PENTAGRAMA

2004 NÚMERO 5

Revista bimestral do

LECTORIUM ROSICRUCIANUM



PARA QUE LADO?

O MUNDO EM QUE VIVEMOS – O MICROCOSMO EM QUE VIVEMOS

PERGUNTAS

A GNOSIS É A PRÓPRIA SIMPLICIDADE

A DOR OU A ALEGRIA DAS EXPERIÊNCIAS

A MISSÃO E A MAGIA DA ARTE

SOMOS LIVRES?

PENTAGRAMA

TEMA DESTE NÚMERO:

SOMOS LIVRES?

Cada ser humano depende de radiações
e forças eletromagnéticas que formam sua
personalidade, sua sociedade, seu mundo
e até mesmo todo o cosmo.



ÍNDICE

- 2 INTRODUÇÃO
- 3 PARA QUE LADO?
- 6 O MUNDO EM QUE
VIVEMOS – O MICROCOSMO
EM QUE VIVEMOS
- 12 PERGUNTAS
- 16 A GNOSIS É A PRÓPRIA
SIMPLICIDADE
- 26 A DOR OU A ALEGRIA
DAS EXPERIÊNCIAS
- 32 A MISSÃO E A MAGIA
DA ARTE
- 38 SOMOS LIVRES?

ANO 26
NÚMERO 5

INTRODUÇÃO

Em maio de 2004, no Lar Catharose de Petri, em Caux, Suíça, foi realizada uma conferência destinada ao grupo internacional de jovens alunos do Lectorium Rosicrucianum. Mais de quatrocentos jovens, vindos de toda Europa (dezessete nacionalidades estavam ali representadas), encontraram-se naquele local de conferências acima do lago de Genebra. Formando um grupo atento, cada qual pôde, individualmente, refletir sobre como projetar o futuro, a fim de colocá-lo na luz e na força da vida universal.

Isso é possível? Que resultados devemos esperar? É possível voltarmos para a senda de libertação da alma e,

ao mesmo tempo, sermos bem sucedidos no mundo e na sociedade? Resumindo: como deve um jovem conciliar todas essas mudanças, inerentes a essa fase da vida, com o disciplinado de uma Escola Espiritual gnóstica?

A Redação alegra-se muito pelo fato de poder reproduzir na revista Pentagrama as quatro alocações realizadas nessa conferência pela Direção Espiritual Internacional, de modo que um círculo mais amplo de pessoas possa delas tomar conhecimento. A presente edição também traz algumas perguntas e respostas, surgidas durante as reuniões, escolhidas em função de seu interesse universal. Elas se dirigem àqueles que buscam o caminho da vida superior da nova alma.

Lar Catharose de Petri em Caux, Suíça. Foto © Pentagrama.



PARA QUE LADO?

Encostado à parede rochosa, o jovem diz a seu amigo: “Apesar de todo o seu entusiasmo, ao atravessarmos esta região, acabamos perturbando seu silêncio”. O amigo, um pouco mais velho, lança um olhar hesitante sobre o abismo que se abre a seus pés, olhando depois para a impressionante massa rochosa que se ergue para o céu, a perder de vista: “Que grandiosas, que esplêndidas são estas montanhas! Elas são como um símbolo da eternidade!”

O jovem retrucou ao colocar a mochila no chão:

– Pessoalmente, eu acho que elas representam muito mais o sofrimento da terra, responde o jovem, colocando sua mochila às costas.

– Ó, não! replica o amigo. Elas são a morada dos deuses. Tudo que vive aspira a elevar-se. Elas são mais um símbolo de esperança, de promessa.

– Não podemos ver nisso um enorme obstáculo a esse desejo de elevação?

– Sim, certamente, a matéria adere fortemente à alma. Mas olhe lá em cima, o cume. Ali termina a matéria e começa a liberdade da alma. Não é isso o que prometem todas as religiões? Essa não é a mais elevada esperança, senão a única?

O jovem esfrega a testa:

– Para mim, isso não é tão simples, diz vagarosamente. Uma alma livre – o que poderia ser isso? Poderíamos dizer que é uma fórmula tirada de um dicionário filosófico. Eu não conheço

senão uma alma afligida, entravada em suas engrenagens, tendências, gostos pessoais, temores, preocupações, a violência dos instintos e tudo mais; isso, sem falar do inconsciente coletivo. Penso também nessas assim chamadas “almas livres” que estão sujeitas às influências das manchas solares e das fases da lua, caindo, por vezes, na loucura.

– É verdade. A alma está aprisionada. Mas ela pode se desligar de tudo. A consciência pode se reerguer e explorar o horizonte sem fim, tudo sondar com um olhar de águia, elevar-se em compreensão. Assim, ela se liberta.

O jovem concorda:

– Isso também me parece certo, mas, ao mesmo tempo, inacessível. Pode a consciência transpor os limites do espaço e do tempo, transpor os limites do bem e do mal? É possível atravessar a vida sem criar ligações e sem cair nas ciladas?

– Mas é justamente então que a alma pode se libertar. É aí que ela deve se decidir. Sim, ela deverá procurar o único bem, o divino, servi-lo, protegê-lo, ofertar-se a ele totalmente.

– Mas, como pode uma consciência entregar ao jogo das oposições chegar a isso? Uma consciência que pertence a um mundo onde as formas nascem e morrem, onde nada é eterno?

– Você vê apenas o exterior das coisas. A eternidade está no homem; e somente ele pode dar ao instante uma duração, um sentido, uma história. Ele possui uma memória. Ele pode ver

distante no passado e fazer projetos para o futuro. Ele criou as obras de arte que resistem ao tempo. Ele revela o espírito na matéria. Estas montanhas são o símbolo da perenidade do espírito divino no homem.

Em silêncio, os dois contemplam os cimos inundados de luz.

O jovem recomeça:

– A consciência tem o poder de estabelecer ligações magnéticas. Ela tem a capacidade de reter os acontecimentos passados e de anular a impermanência das coisas. É mesmo provável que a alma possa desenvolver-se a ponto de sobreviver à morte... de elevar-se acima do espaço e tempo, e dispor de uma compreensão livre da matéria.

Novamente faz-se silêncio. O sol atinge o zênite e recobre as florestas, os prados, as casas, numa confusão de sombra e de luz.

– A humanidade sonha em possuir uma consciência que consiga elevar-se acima dos picos da vida terrestre, que possa penetrar na oficina da natureza para aí aprender as leis da vida e da morte, que possa, enfim, penetrar o domínio das causas e elevar-se até a fonte do comportamento humano... Uma consciência livre poderia intervir no curso dos acontecimentos e provocar outros encadeamentos dos fatos.

– Ah, se estas montanhas não existissem!, diz o jovem.

– Não compreendo você.

– Mesmo que você estivesse no topo, sua visão permaneceria limitada. O que nos impede de ver a verdade? É a confusão de nossos pensamentos, devido a nossas inclinações e outras tendências bem ocultas. É o dragão, no fundo da caverna, que vigia seu tesouro!

– Oh! Essas são imagens caducas. A humanidade evoluiu. Nós desenvolvemos uma autoconsciência. Posso

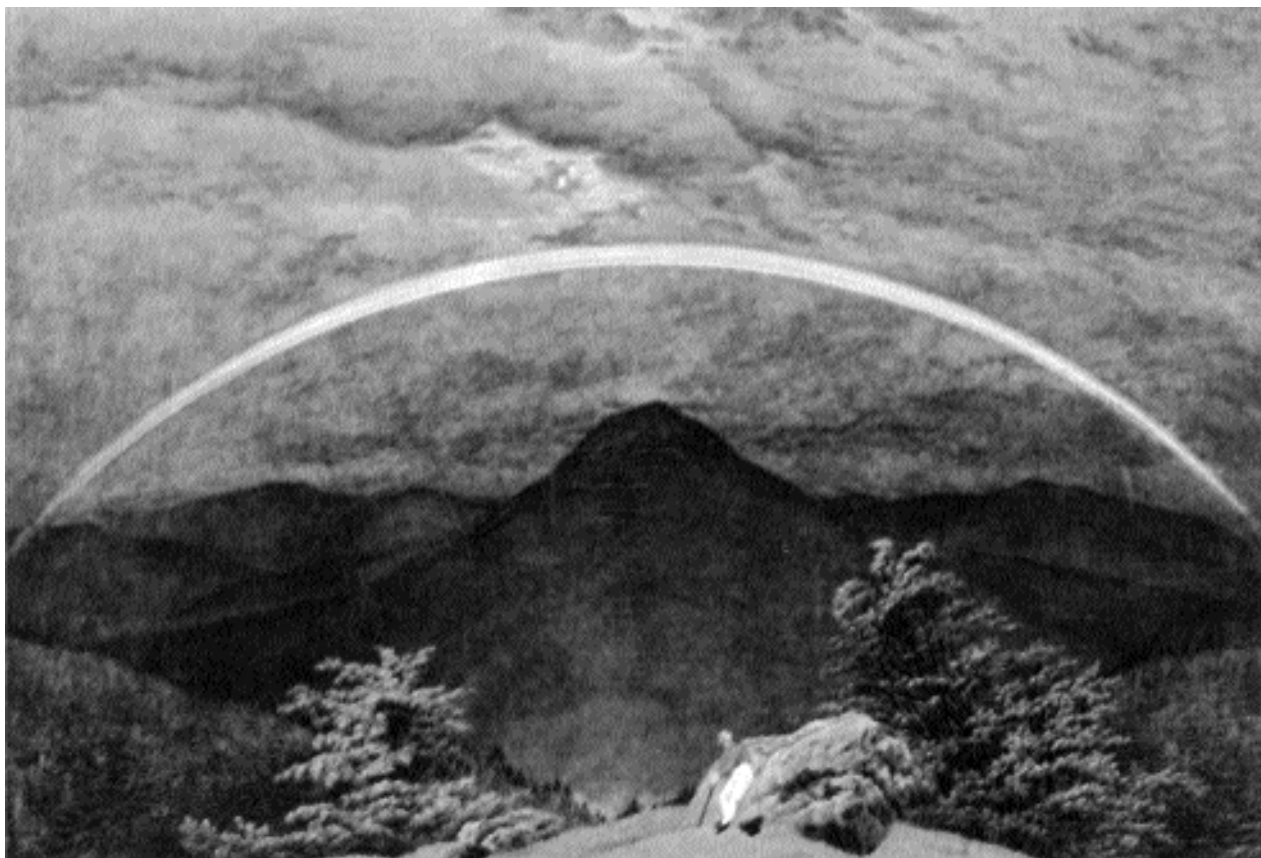
vencer meu egocentrismo mediante a aspiração ao bem, ou seja, querendo o bem dos outros.

O jovem se levanta de um salto enérgico e em seguida se volta para seu amigo; e recomeça:

– Compreendo perfeitamente. Eu mesmo tenho seguidamente refletido sobre essas questões, mas isso não me satisfaz. De certa maneira, o pensamento de viver eternamente me assusta. Mesmo que eu fosse, por assim dizer, tão puro quanto o diamante, mesmo que meu eu se reduzisse a um ponto minúsculo, ele não deixaria de ser uma anomalia perturbando o livre curso da natureza e, a partir daí, o equilíbrio universal. Não continua sempre em nós uma tendência a adquirir, conservar, reter? E não apenas os bens materiais, mas também o saber, os conhecimentos, os métodos, as técnicas, em suma, tudo o que nos séculos passados elevou o homem à condição de semi-deus. Certamente, ele pode chegar a possuir um poder incrível. Talvez tornar-se eterno, mesmo. Mas, então, ele será apenas um pico isolado projetando-se sobre a vida que palpita no sopé da montanha. Ele será como uma pedra comemorativa do instinto de autoconservação, um troféu impressionante, porém desesperado, com as conquistas da força-eu.

– Não. Eu não vejo as coisas desse modo. Um eu como esse irradiaria sobre o mundo. Sua consciência abarcaria tudo. Seus pensamentos tudo penetrariam e tudo iluminariam, observando as leis eternas.

– Sim, você está muito seguro de si!, diz o jovem, rindo. Um titã! Isso é o que você é. Eu, porém, não pertenço à mesma raça. Tenho sempre a impressão de que alguma coisa se oculta em mim. Eu espero algo como um mila-



gre, ser atingido por um clarão que fará brotar impiedosamente a luz em minha noite interior, revelando o que sempre se subtrai à minha vista.

Balançando a cabeça, ele olha para seu amigo e recomeça:

– Isso pode parecer absurdo, mas já há muito tempo sinto o desejo de perder a mim mesmo. Isso não é contrário a toda lógica? Demolir a casa e substituí-la por algo totalmente novo... claro, puro, sutil. Como posso me expressar? Uma obra que nenhum artista realizou ainda, que palavra alguma pode descrever, tão intensa como o silêncio destas montanhas. Como o brilho destes cimos nevados que você contempla agora. Mesmo isso ainda não é tudo. É muito mais, sim... algo que não é deste mundo.

Em pé, com um gesto, ele mostra as montanhas circundantes, e continua:

– Certa vez, Arquimedes disse: “Dê-

me um ponto de apoio e uma alavanca e levantarei o mundo”. Também foi dito que “a fé remove montanhas”. Talvez, até mesmo as faça desaparecer. Isso não é grandioso? Onde se encontra esse lugar de Arquimedes? Fora do mundo? Onde existe semelhante fé?

Finalmente, chega o momento de os dois jovens se separarem. O mais velho recoloca sua mochila nas costas e se afasta. Ele vai escalar os cimos, em direção à plenitude de seu encontro com o Universo. O mais jovem senta-se e contempla o vale sombrio. Ele pensa que, sem dúvida, existem outros que meditam sobre montanhas, eternidade e fé; que querem perder-se a si mesmos. Em conjunto... quem sabe? Esse ponto, de onde se pode “levantar o mundo” não se encontra talvez lá, nos homens que ele irá encontrar?

Pouco a pouco, as vozes da natureza se calam. Por fim, o silêncio o envolve.

Paisagem com arco-íris,
Caspar David
Friedrich, 1810.
Foto © Pentagrama.

O MUNDO EM QUE VIVEMOS –

O MICROCOSMO EM QUE VIVEMOS

O que é, pois, este mundo onde vagueamos e nos admiramos com seus contrastes violentos: vida e morte, saúde e doença, riqueza e pobreza, bem e mal? E, contudo, devemos, em meio a tudo isso, abrir um caminho. Apesar do entusiasmo transbordante, podemos ver, de tempos em tempos, alguns de vós se retirarem, com a finalidade de refletir sobre o sentido de todas essas aparentes contradições. Por que os seres humanos se ocupam tanto assim? O que significa toda essa agitação, esse frenesi?

Não encontrareis nem harmonia nem paz se vós mesmos não solucionardes esse conflito incessante entre os opostos. Hoje estais eufóricos; amanhã podereis cair em depressão. Não se trata apenas de um sintoma de um período de grande turbulência, nem de uma puberdade atrasada. Num determinado momento, vivenciareis intensamente tudo a vossa volta, em outros, senti-vos como que estrangeiros sobre a terra.

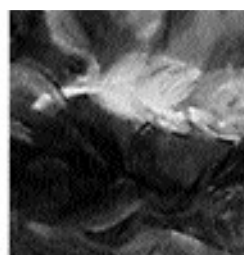
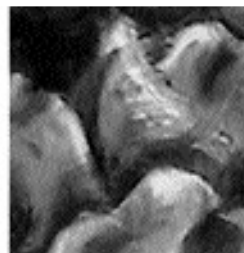
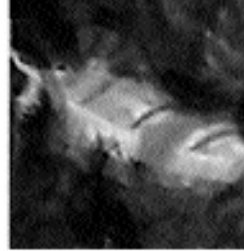
Sem esse sentimento de “ser estrangeiro” o discipulado é inútil e a Escola Espiritual nada tem a vos dizer. Por que? Porque é precisamente a partir desse sentimento de incompletude que a Escola estabelece sua ligação com o buscador. E as questões que surgem trazem respostas claras e entendimento sobre o objetivo da existência. Temos aqui jovens do Tra-

balho da Mocidade que ainda se encontram diante de uma escolha: tornar-se ou não aluno. Alegramo-nos muito com sua presença entre nós nesta conferência, pois ela pode representar uma experiência decisiva quanto à sua vida e ao seu futuro.

O grupo de Jovens Alunos é constituído por pessoas ao mesmo tempo jovens e alunos. A juventude é um fato. Ser aluno é uma escolha que fazeis. Todos os jovens alunos fizeram uma escolha consciente. Se continuardes com essa escolha, não ficareis desapontados.

É necessário fazer uma escolha consciente para dar uma direção à vida. Dentre todas as possibilidades que vos são oferecidas na vida, dentre todos os caminhos que se abrem diante de vós, tornar-se aluno pode ser experimentado como sendo o Caminho. Cada qual busca uma saída do labirinto dos sofrimentos e das tristezas, do labirinto enganador, que agar-





ra muitos pela garganta. De outra maneira, por que estariam os hospitais psiquiátricos tão lotados? Por que tantos jovens cometeriam suicídio?

Outrora, o tempo parecia passar lentamente (uma foto antiga nos dá a impressão de que o tempo assim como as pessoas e os carrinhos de mão estão paralisados). Hoje, temos a sensação de que tudo é rápido e fugidio como o mercúrio. Antigamente, pensava-se que a matéria era constituída de partículas. Hoje, há evidências de que se trata de “ondas”, de uma dança sem dançarinos. São apenas “ondas de

probabilidade”. O princípio de incerteza de Heisenberg¹ pressupõe uma dúvida fundamental. E a teoria da relatividade de Einstein pressupõe uma relatividade fundamental: não há movimento absoluto, nem imobilidade absoluta. Os sistemas de coordenadas se movimentam uns em relação aos outros. As galáxias se deslocam a velocidades inconcebíveis no espaço interestelar, definido como um vazio em contínua expansão. Mas, *o que* de fato se encontra em expansão? As estrelas nascem, implodem e se transformam em buracos negros, absorvendo

Jovens discutindo em Osnabrück, Alemanha. Foto © Pentagrama.

tudo. A física quântica faz alusão a “partículas” em rotação. “Partículas”? Não, não são partículas, porém, ínfimas porções de energia. Poderíamos, nesse caso, falar de consciência, de vibrações carregadas de lembranças?

Seriam todos os microcosmos do mesmo tipo? Os saltos quânticos para outra dimensão, outro universo ou outra consciência seriam possíveis? Que são consciência, partícula e energia? Que são onda eletromagnética, memória e consciência coletiva? Existe uma consciência superior?

QUEM É O SER HUMANO?

Quem sois vós? Quem sou eu? Ainda ontem tudo parecia imóvel, tínhamos tempo. Hoje, tudo é dinâmico, já não há tempo. Ontem era possível apoiar-nos numa moral baseada em normas, na religião e na ciência. Os fenômenos eram previsíveis. O Universo era representado como uma máquina, um relógio gigantesco acionado por Deus, relógio esse que, uma vez posto em movimento, continuaria a funcionar. Segundo a lei da gravitação universal de Newton, poderíamos deduzir quais seriam os desenvolvimentos ulteriores, o que nos levava à noção de determinismo. Mais tarde descobrimos que existiam muito mais incerteza, imprevistos e probabilidades do que a ciência oficial desejava. Algo que Einstein não pôde aceitar apesar de seu gênio inovador. *Deus não joga com dados*, dizia ele.

A reencarnação, outro grande conceito muito antigo, e no entanto muito lógico, é ainda em nossos dias negada pela Igreja e pela Ciência. Deus, ou inteligência superior? *Não tenho necessidade dessa hipótese*, disse um filósofo. Por muito tempo a religião regulou as atividades dos seres humanos.

Hoje, a Igreja já não dá respostas às suas perguntas, e então eles se voltam para todo tipo de movimentos espirituais. A palavra da moda agora é “espiritualidade”. Ela é ouvida por toda parte e pouco importa o que se entende por ela. Ela tem a aprovação geral, pois é uma noção vaga. O movimento da Nova Era faz numerosos adeptos, pois corresponde à necessidade inconsciente de nos libertarmos de conceitos, ideologias e esquemas caducos.

TEMPO DE PARTIR

Esse é o *chamado de Aquário* para despertar o homem que permaneceu por tanto tempo na matéria e incitá-lo a seguir novos caminhos: *É hora de partir, de abandonar a matéria e ingressar no novo campo de vida. A partir de agora a matéria perde seu poder sobre vós: um mistério vos chama.*

Infelizmente, esse impulso, esse chamado, é, sob todos os pontos de vista, incompreendido. Por isso ele foi traduzido por um amontoado de teorias extravagantes. Pensamos, aqui, no sonho de Cristiano Rosacruz, quando a tampa do poço é retirada: no fundo do buraco, todos se agitam e se agarram freneticamente às paredes. Que balbúrdia! O próprio Cristiano Rosacruz sobe por cima dos outros a fim de alçar-se e escapar da confusão.

Podemos mesmo dizer que o início do discipulado não é nada brilhante, e muitas vezes provoca confusão. Quando um raio de luz penetra o microcosmo, o homem é posto a descoberto e revelado a si mesmo. O que rasteja assim nos recantos de seu ser? A descoberta não é das mais agradáveis. É necessário ter muita coragem para defrontar a realidade e seguir adiante serenamente.

A humanidade inteira começa a mostrar sinais de um despertar. O sono na matéria torna-se mais leve. Muitas pessoas agitam-se em seu sono agora que o dia se anuncia. Falamos do despertar do sonho enganador, da ilusão da matéria, da religião, da ciência e da tecnologia, nos quais o homem se encontra mergulhado há tanto tempo. Esse despertar parcial é causado pela atividade eletromagnética dos novos tempos, de Aquário que verte seu cântaro de Água Viva sobre a humanidade.

Em todo lugar ele é experimentado como uma “nova era”. O movimento de mesmo nome é uma tentativa de harmonização com esse novo período. Por conseguinte, o conhecimento, a Gnosis, é indispensável para o avanço no caminho da libertação. De outro modo, Aquário permanecerá vago e incompreendido.

PENSAR POR SI MESMO

Antigamente, o homem era qualificado de “religioso”; hoje, de “espiritual”. O conceito de Deus e os dogmas eram bem definidos: era desse modo e não de outro; caso contrário, seria a prisão ou a fogueira. O clero detinha o poder do conhecimento e, por conseguinte, encarregava-se de pensar por todos. Isso já não é mais aceito. O ser humano tornou-se mais autônomo e faz uso de sua faculdade de pensar. Ele determina por si mesmo o que convém à sua busca espiritual. Por um lado, isso representa uma emancipação da autoridade clerical e a aquisição de um certo nível de autoconsciência, liberdade essa absolutamente necessária para poder percorrer um caminho transfigurístico. Por outro lado, constatamos que essa autoconsciência ainda não recebeu

Pensamentos intelectuais, em perfeita concordância com a matéria, que procuram a matéria, certamente não têm condições de iniciar sequer o trabalho de construção do corpo-alma, pois não produzirão o mínimo resultado. O desejo do homem deve estar inteiramente voltado para o crescimento da alma, e deve possuir a necessária maturidade para esse fim, o que, por sua vez, depende do estado de sangue da pessoa, da alma-sangue há pouco citada.

Se um homem, em virtude de seu passado cármico, atingiu o ponto de se entregar à busca e esforçar-se por alcançar o estado de alma-vivente, se nele existe o impulso do passado cármico, então, tanto o coração como a cabeça terão alcançado um estado de receptividade. Então, o "coração e a cabeça" se inclinam um para o outro, em sintonia mútua.

Na matéria, todavia, é comum existir a discórdia entre os diversos aspectos e atividades do coração e da cabeça.

Quando, porém, o coração e a cabeça demonstram certo equilíbrio, certo ajustamento em relação às coisas da alma, então existe atrás de ambos o desejo de um glorioso prosseguir! O desejo de se tornar perfeito. Julgamos – e é esta a nossa ilusão – já sermos seres humanos. No entanto, somos apenas seres humanos em formação.

E somente se pode cogitar no prosseguimento dessa formação quando, de fato, estivermos focalizados na construção do corpo-alma.²

uma orientação clara. E aí, cada um faz aquilo que lhe parece certo, e em cada lugar é diferente. Não é maravilhoso viver sem regras, sem compromissos e sem exigências?

Na Escola Espiritual da Rosacruz Áurea é totalmente diferente: aqui existem certamente exigências, que resultam de um conhecimento muito específico do caminho e de seus riscos, do conhecimento das causas do malogro de muitas iniciativas de escolas espirituais do passado. Entre as principais causas está a falta de engajamento, de compromisso, de responsabilidade de uns para com os outros e para com o grupo, assim como a falta de concórdia.

Um ensinamento puro é necessário

e é também necessário um comportamento que se ajuste a esse ensinamento. É preciso haver uma clara compreensão daquilo que serve ao objetivo e daquilo que afasta dele. Um navio não pode navegar sem que a tripulação respeite as regras. Os grão-mestres da Rosacruz moderna sempre nos advertiram sobre as consequências de um grande descomprometimento, de recusar as regras e da idéia de “liberdade acima de tudo”.

O GRUPO É INDISPENSÁVEL E FORTALECE

Todas as escolas iniciáticas sempre fazem exigências específicas que os candidatos devem satisfazer para um despertar espiritual. Uma escola iniciática como a Rosacruz Áurea depende, para o trabalho de libertação, de diretrizes estritas que lhe são dadas em prol dos alunos a ela confiados. Isso sem falar da obra de salvação mundial.

As exigências do discipulado, seja ele preparatório, probatório ou professo, não foram inventadas com a finalidade de dominar os alunos nem de suprimir sua liberdade. Elas foram estabelecidas para servir de base a seu trabalho e para que eles mesmos e a Escola vejam seus esforços coroados de êxito. Sem isso, não há qualquer chance de libertação.

Jamais esqueçamos que nosso campo de existência é o antagonista natural do aluno que se esforça para percorrer o caminho da verdadeira vida. Não que este campo seja mau em si mesmo, mas porque não pode ser de outro modo! Tentemos cavar um buraco na água. No mesmo instante ele se enche. O campo da dialética reage da mesma maneira: toda influência contrária à sua natureza é logo neutralizada. Portanto, é necessário

criar e manter um vácuo, um campo magnético, onde se encontre suficiente pureza para nele oferecer proteção para aqueles que lutam com as forças cármicas. Por essa razão, temos necessidade de um grupo. Aderimos ao grupo de alunos que formam a Escola Espiritual a fim de receber o conhecimento que se transformará, no microcosmo, em verdade e luz.

IMITAÇÃO: O MÉTODO DO MUNDO

Dissemos que o campo de existência que nos mantém prisioneiros tende sempre a se manter e reforçar seu domínio. Isso é realizado, dentre outros métodos, pela força da imitação. No *Evangelho da Pistis Sophia*, essa força é chamada de força com cabeça de leão. Não se trata da verdadeira força do leão, a força solar da Gnosis. Trata-se de uma força que imita a luz da Gnosis; ela é representada por uma cabeça de leão que simboliza o engano.

Assim, há o *chamado à liberdade*, à libertação da roda do nascimento e da morte. É a liberdade do reino da luz. Porém, esse chamado é desviado para um chamado horizontal à liberdade, igualdade, fraternidade, com os fortes acentos que soaram durante a Revolução Francesa, e que exigiu milhares de vítimas. A liberdade é também reivindicada por todos os homens no sentido de “fazermos aquilo que nos apraz”, em reação à sujeição imposta pela Igreja, pelo Estado e pela sociedade. Primeiro, é preciso que os homens se emancipem. Mas, mesmo tendo transposto essa fase, estamos ainda longe da *liberdade que os filhos de Deus conhecem*. A principal força do Universo é a força do amor. No plano horizontal, mal podemos concebê-lo. Ele é comumente associado à sexuali-

dade em todas as suas formas. A publicidade, os filmes, os espetáculos, os jornais, predica o amor animal até ao absurdo. Como tudo isto está longe do amor divino!

O conhecimento da salvação – da cura – permite-nos compreender, ainda que pouco, o plano divino e a senda de retorno. Contudo, em nosso campo de existência, o conhecimento é confundido com o saber escolar, com as aquisições intelectuais e a atividade do cérebro, que sabemos ser limitado. O despertar e a natureza divina conduzem ao restabelecimento dos sentidos perdidos, tais como o da audição e o da visão interiores, a percepção à distância, assim como a ligação interior com todos os irmãos e irmãs na nova vida. Invenções como o rádio, a televisão, as telecomunicações, os telefones celulares e a Internet não passam de imitações dos poderes que deveriam ter sido desenvolvidos no homem. A introdução de tais arremedos sufoca toda aspiração à aquisição de poderes superiores. A Escola Espiritual estende seu campo de força sobre o mundo como uma rede de pesca, com a finalidade de conduzir numerosos buscadores às margens da nova vida. A isso os poderes da esfera refletora respondem com a invenção da Internet, entre outras coisas, oferecendo-nos uma rede mundial de comunicações como um substituto da verdadeira unidade. Encerrada nessa rede de informações múltiplas, a humanidade vê adiado seu acesso ao conhecimento e à sabedoria universais que os homens renascidos recebem. Escravos de seu computador, os homens já não pensam em elevar-se à Gnosis e à liberdade.

Por todas essas razões, aos alunos é dada a recomendação: *vede através das armadilhas deste campo de exis-*

Ainda somos todos insignificantes criaturas mortais. Compreendemos algo do nosso primitivismo, mas a nossa existência tem por base uma poderosa e divina finalidade. Esse fato nos obriga a pesquisar essa finalidade, sua causa, e a ela nos sujeitar. O microcosmo e a chama monádica constituem a causa e o objetivo para a tarefa diante da qual somos colocados por nosso Pai celestial. A personalidade terrena é o aparelho com a ajuda do qual a idéia criadora, na qual nossa existência está alicerçada, deverá ser executada. E como se trata de um plano divino e uma centelha divina forma seu fundamento – pois a mônada é uma centelha divina –, a obrigação única e absoluta para a sua realização é a livre auto-maçonaria.

A realização não ocorre sem mais nem menos. Nós mesmos temos de executar o plano divino passo a passo. Eis por que a marcha da humanidade é uma marcha de desenvolvimento. A marcha evolutiva de um instrumentário que, em dado momento, é coroado com uma faculdade mental e com um corpo-alma, no qual a experiência de um período de eões pode ser acolhida como patrimônio imperecível e permitir que, nessa base, a chama espiritual da mônada faça aí morada; então, o homem que se torna novamente perfeito poderá prosseguir, sustentado pela chama monádica, como um ser eterno, de força em força e de glória em glória.

tência, libertai-vos das ilusões e rompei os grilhões que vos mantêm prisioneiros. O que isto implica e exige de nós consideraremos juntos durante esta conferência.

1. O princípio da incerteza de Heisenberg (HUP *Heisenberg Uncertainty Principle*) é uma lei que estabelece que não é possível medir simultaneamente a posição e a frequência de um objeto quântico, pois as duas são instáveis em relação uma à outra: quando se mede a frequência, a posição já não é a mesma, e vice-versa.
2. Os textos dos boxes neste número foram retirados de *Reveille!*, 2.ed., de J. van Rijckenborgh e C. de Petri, São Paulo: Lectorium Rosicrucianum, 1983.

PERGUNTAS

O que significa o símbolo da pomba em alabastro que está em segundo plano no templo do Lar Catharose de Petri, em Caux?

A pomba tem sido considerada, em todos os tempos, um símbolo da pureza e da alma inocente. O frágil pássaro tornou-se também o símbolo da esperança. A pomba voltou à arca de Noé com um ramo de oliveira, pressagiando um final feliz (terra!) para todos os seus passageiros.

Ela é não apenas o símbolo da inocência, mas também da humildade, virtudes estas requeridas para o ingresso no novo país, após o dilúvio. A pomba é ainda comparada à alma, pois bem sabemos que ela voa sempre em direção ao sol (entendam o Espírito), obrigando seus predadores, cegados pelo sol, a abandonar sua perseguição.

Na Escola Espiritual, a pomba é o símbolo da grã-mestra, Catharose de Petri, enquanto que a águia que estende suas asas de bronze nas proximidades do templo de Renova é o símbolo do grão-mestre, J. van Rijckenborgh. A pomba e a águia não representam pessoas, porém estruturas de linhas de força: doçura e firmeza para um, força e altitude de vôo para o outro. Esses pássaros ilustram as qualidades que se complementam, permitindo tudo superar. Esses antigos símbolos são comuns a inúmeras civilizações.

No caminho da libertação, a nova alma ocupa um lugar cada vez maior no microcosmo. Como podemos conciliar essa expansão com as incessantes mudanças internas que perturbam um adolescente?

Uma célebre sentença hermética diz: “O homem, ó Asclépio, é uma grande maravilha”. O corpo, constituído de milhares de células diversamente associadas, é um maravilhoso instrumento, o que é também amplamente atestado pelos biólogos. Todo o sistema está sempre submetido a mudanças. Você começa como um bebê, em seguida vêm os anos do seu jovem reinado, antes de entrar na adolescência, quando o carma começa a se impor. Depois, chegando à idade adulta, você faz suas experiências na atividade pela qual é responsável. Durante todo esse tempo, as células morrem e são substituídas por outras novas. Se considerarmos as incessantes transformações que se efetuam no corpo, reguladas em grande parte pelas energias externas, poderemos ter uma idéia do gigantesco processo no qual o indivíduo está engajado. Na Escola atua uma força que ultrapassa e aniquila qualquer outra influência e permite que cheguemos a uma nova vida, mais elevada, mais plena, sem, contudo, negligenciarmos os imperativos da existência comum. Essa mesma força engendra mudanças em todo o sistema vital, e é bastante importante identificá-las. Para tanto, existe apenas uma



solução: mergulhar nessa força, de coração e alma, colaborar, deixar-se guiar por ela. De início, produzem-se no ser diferentes mudanças, porém, finalmente, é o ser inteiro que se transforma. Esse é o princípio da transfi-

guração. Atualmente, essa força é particularmente intensa nos templos. Daí a importância de participar dos serviços templários e das conferências de renovação, de ler o ensinamento e falar sobre ele com os demais.

Jovens surpresos.
Camarões, África.
Foto © Pentagrama.

Que é o silêncio interior?

Sim, que é o silêncio interior? Ele nada tem a ver com mãos postas e olhos devotamente cerrados. Isso é uma simples atitude que nada significa. O silêncio interior é criado quando, na consciência, os ecos da percepção sensorial enfraquecem. Consciência intelectual e percepção sensorial são os instrumentos monopolizados pelo eu, pois procedem exclusivamente da corporalidade. Quando o eu renuncia a ocupar o primeiro plano, ele se retira e, graças a uma compreensão estimulada pela aspiração, passa a conceder um maior espaço à alma. Amplitude, espaço e silêncio são próprios da nova alma. Toda atividade “projetada” a agita, à semelhança de uma pedra atirada na água. A alma tranqüila reflete o sol espiritual; ela oferece espaço para uma ligação com o espírito divino. Podemos dizer que, quando o eu se retrai, a alma, tal como um lago sereno, pode receber os impulsos do Espírito e transmiti-los sem qualquer alteração. Então, o silêncio interior não é tão somente uma aquisição individual, mas torna-se um instrumento a serviço da humanidade.

Os telefones celulares representam algum perigo?

Muitas coisas já foram ditas e escritas sobre os perigos dos telefones celulares. Os fabricantes dos aparelhos são unânimes em afirmar que não há prova alguma de perigo. Eles não cessam de diversificar os modelos, em parte para atender a demanda

dos consumidores, mas também, certamente, para escapar à sua responsabilidade em caso de problema. Não se pode negar que os celulares são tremendamente práticos. Diariamente, centenas de milhões de ligações são feitas, saturando de radiações a atmosfera em diferentes frequências de onda. Esse fenômeno não consegue ameaçar diretamente o campo da Escola Espiritual, pois sua frequência vibratória é totalmente diferente, porém ameaça-o de forma indireta. Nossos celulares monopolizam nossa atenção e interrompem incessantemente nossos esforços de concentração. Uma certa agitação pode perturbar a atmosfera de uma conferência e afetar os participantes.

Não somente devido a isso devemos abster-nos de usá-los durante as conferências, mas também por respeito ao campo magnético particular da Escola Espiritual que nos acolhe. O objetivo de uma conferência é permitir uma ligação com os valores da vida da alma graças à permanência no campo de força da Escola, isto é, no espaço livre que se subtrai ao tumulto do mundo. A consciência da alma não pode se desenvolver senão numa atmosfera pura. Em 1962, nossos grão-mestres escreviam no livro *Reveille*: “...em um lugar sereno, impregnado de éteres puros”. Somente esses éteres puros nos permitem perceber o “outro-em-nós”. Os centros de conferências, e em particular os templos, oferecem essa pureza etérica. Esperamos que esses pontos sejam compreendidos e que cada participante de uma conferência conforme-se a isso de coração. Por essa

razão, avisos desagradáveis como “É proibido fumar” são evitados.

O aspecto social na vida da Escola não seria um obstáculo?

Este não é necessariamente o caso. Basta que cada um, nesse sentido, vigie a si mesmo. O objetivo da Escola Espiritual é aclarar os contornos do *novo homem que se aproxima*. Todos os aspectos de sua atividade (e são muitos) tendem a esse único objetivo. Mas a Escola Espiritual tem um grande interesse em que os jovens de todos os países se conheçam numa atmosfera gnóstica nova. A alegria de um tal encontro e as perspectivas de vida espiritual que disso resultam reforçam a dinâmica e favorecem a espontaneidade da nova atitude de vida. É uma Escola Espiritual convidando à alegria de uma nova vida da alma e ao desenvolvimento interior.

Certamente, a personalidade terrestre colocará muitos obstáculos, mas, com o ensinamento da Escola Espiritual, o interessado poderá enfrentá-los sem temor. Sem a vontade de vencer os obstáculos, a permanência no campo de força da Escola não faz muito sentido, e pode até mesmo demonstrar-se prejudicial. Porém, se cada participante se mantém orientado para a vida da alma e aumenta sua lucidez em relação à existência, ao eu e à sociedade, a Escola Espiritual, como corpo vivo, continuará ainda por muito tempo sendo uma ponte para a nova vida da alma que participa do campo da ressurreição.

Como se manifestará a noite cósmica e quando ela terá início?

Podemos comparar uma noite cósmica a um período de repouso e de restauração. Durante o sono, sucede a mesma coisa: nosso corpo é submetido a um processo de revitalização. Uma nova energia lhe é insuflada, os pensamentos e as emoções residuais são lançados fora. Descansados e dispostos, começamos um novo dia. O mesmo princípio prevalece no ciclo da vida e da morte. Quando morremos, todo o sistema microcósmico repousa e entra numa fase de reestruturação, preparando-se para uma próxima existência.

A criação inteira conhece períodos de manifestação e períodos de repouso. Durante o período de repouso, tudo desaparece na ressurreição ou na queda, enquanto que novas potencialidades entram em jogo. Podemos comparar isso a uma respiração. A criação se assemelha a uma expiração, e em seguida, durante a inspiração, tudo o que se manifestou retorna a sua origem. Helena Petrovna Blavatsky, em *A doutrina secreta*, descreve esses períodos atribuindo-lhes uma duração. Mas esses períodos são números que nem mesmo podemos conceber.

A GNOSIS É A PRÓPRIA SIMPLICIDADE

Quando se é jovem, é muito importante olhar a vida de frente e situar-se no mundo. Determinar o próprio lugar já é um grande passo para a cura e a libertação.

Quem consegue, por pouco que seja, introduzir luz nas trevas, decidido a enfrentar, sem temor, aquilo que se revela, dá prova de ter a coragem necessária para encarar a vida tal como ela se apresenta, sem interpretá-la a seu próprio gosto, nem de acordo com suas tendências. Voltemos às questões candentes feitas pelos pesquisadores e examinemos nossa situação existencial sem aquelas lentes cor-de-rosa com as quais o eu gosta de olhar a vida.

ABRIR-SE SEM RESERVAS

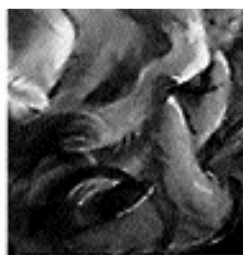
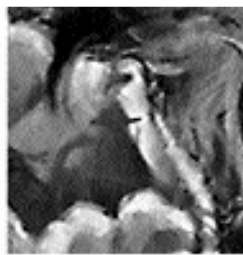
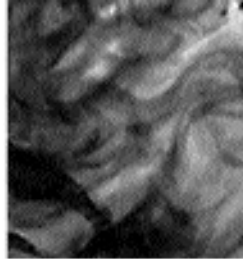
Atualmente o ser humano é confrontado com as questões que há muito tempo o ocupam e o impelem à pesquisa. Diante disso, e mais do que nunca, uma hiperatividade marca este momento, junto com muita confusão. Respostas lhe são dadas sobre tudo como numa feira livre. Como é estimulante responder a mil e uma perguntas e tirar o coelho da cartola. É excitante e diferente se podeis dizer tudo o que vos vem à cabeça, sem reservas. E, da mesma forma, tudo também deixar de lado. Alguém pode então dizer: “Foi bom falar sobre tudo isso, procurar, mas, às

vezes, é melhor nada encontrar, pois com isso criamos obrigações. Encontrar respostas torna-nos responsáveis. E quem quer ser responsável?

Recentemente, numa rádio suíça, um filósofo renomado lastimava, com certa resignação: “Infelizmente, temos de reconhecer que nada sabemos... Sim, a filosofia simplesmente naufragou”. Há muito tempo a nata dos cientistas tenta penetrar o mistério da vida e resolver os enigmas do homem e do Universo e irromper para o plano subjacente.

Nossa época poderia ser definida como a era das questões abertas, pois as respostas dadas pelos cientistas dão ensejo a novas interrogações. A fim de pôr um pouco de ordem nesta barafunda de investigações, nós reagrupamos os assuntos: Que é a consciência? Como funciona nosso cérebro? Que é a força de gravitação? Quando teve início a vida sobre a terra? Como nasceu o Universo? Existem extraterrestres? A evolução seria fruto do acaso? Algum dia viveremos eternamente? Quão difícil é dar respostas corretas a essas questões! Por onde devemos começar? Em que nos





apoiar? Em qual faculdade de discernimento devemos confiar? O que pode servir de exemplo?

UMA MÁQUINA CONSCIENTE?

Diante de tudo isso, não é de admirar que o eminente pesquisador, Professor David Chalmers, diretor do Centro de Pesquisa da Consciência da Universidade do Arizona, não faça qualquer distinção, em seus trabalhos sobre computadores, entre um ser de carne e sangue e uma entidade constituída de metal, de plástico e de

circuitos eletrônicos: “Se podemos, através do computador, conversar com outras pessoas a respeito de tudo, de Kant aos campeões esportivos, o que tem de diferente a consciência humana?” Um exame do cérebro feito em laboratório mostramos cem bilhões de células que se comunicam entre si por meio de cem trilhões de conexões em 90.000 quilômetros de cabos. Por outro lado, como encontrar os extraterrestres num Universo que, segundo estimativas, compreenderia 70 sextilhões de sóis (um 7 seguido de 22 zeros)? No

Jovens atentos.
Ilha de Lord
Kitchener, Egito.
Foto © Pentagrama.

Portanto, existem realmente dois estados de vida que, em dado momento, se fundem: uma vida da terra e uma vida do corpo solar. Se perguntássemos "Qual dessas duas vidas é a mais importante?", a resposta lógica seria: "Naturalmente a vida solar". É evidente, porém, que, quando essas duas se unem para o mesmo e poderoso objetivo, também não devemos dizer: "Nossa vida terrena absolutamente nada significa, não tem o mínimo valor", pois nossa vida terrestre tem uma tarefa importantíssima a cumprir, tarefa que consiste no processo dos dois que deverão se converter em "um". Portanto, é óbvio que o homem terreno, desde a mocidade, deve refletir sobre sua tarefa em relação ao "outro" que nele está, o homem-solar. [...] E isso somente é possível mediante a transfiguração do homem terrestre, processo sobre o qual a escritura sagrada afirma que, em realidade, deixa de ser necessário existir a morte para o homem terreno. Como sabeis, isto é realmente o que com tanto afã se busca nos círculos científicos: protelar a morte tanto quanto possível, e então... quem sabe... algum dia, poder neutralizar a morte. No entanto, desde tempos imemoriais, só existe um caminho para neutralizar completamente a morte do homem terreno: a transfiguração. O processo da transfiguração faz a vida solar (isto é, a eternidade) e a vida terrestre (isto é, o tempo) se tornarem unas. Tudo o que é temporário poderá ser absorvido pelo eterno.

que diz respeito ao surgimento da vida sobre a terra, admite-se que ela remontaria de três a quatro bilhões de anos. Do mesmo modo, o nascimento do Universo dataria de 13,7 bilhões de anos.

Sobre a questão da gravitação, os astrofísicos concordam com a idéia de que a matéria forma apenas quatro por cento da massa do Universo, sendo que o restante é qualificado de "matéria escura", sobre a qual, na verdade, nada se sabe. Esta única constatação nos leva a perguntar: qual o valor de uma teoria que exclui 96% do Universo?

De todas essas pesquisas, torna-se evidente a urgência de encontrar respostas às questões fundamentais, demonstrando, ao mesmo tempo, a complexidade e a estreiteza do campo de investigação da ciência, de seus princípios e métodos. Ora, atualmente, a atividade eletromagnética da era de Aquário enfatiza a necessidade de encontrar respostas. O ano de 2004 tem como peculiaridade o fato de apresentar a mesma configuração estelar de 500 anos atrás, na Renascença italiana. Como se sabe, esse foi um período de renovação em muitas áreas e de intenso questionamento, como sucede hoje em dia. O ano de 2004 oferece todas as condições necessárias para grandes mudanças. Mas, primeiramente, perguntamo-nos: que força é essa que nos leva a buscar e ultrapassar nossas limitações? De que instrumentos dispomos em nosso esforço de libertação? Acaso conhecemos o plano de libertação? Quais são as modalidades de uma tal realização?

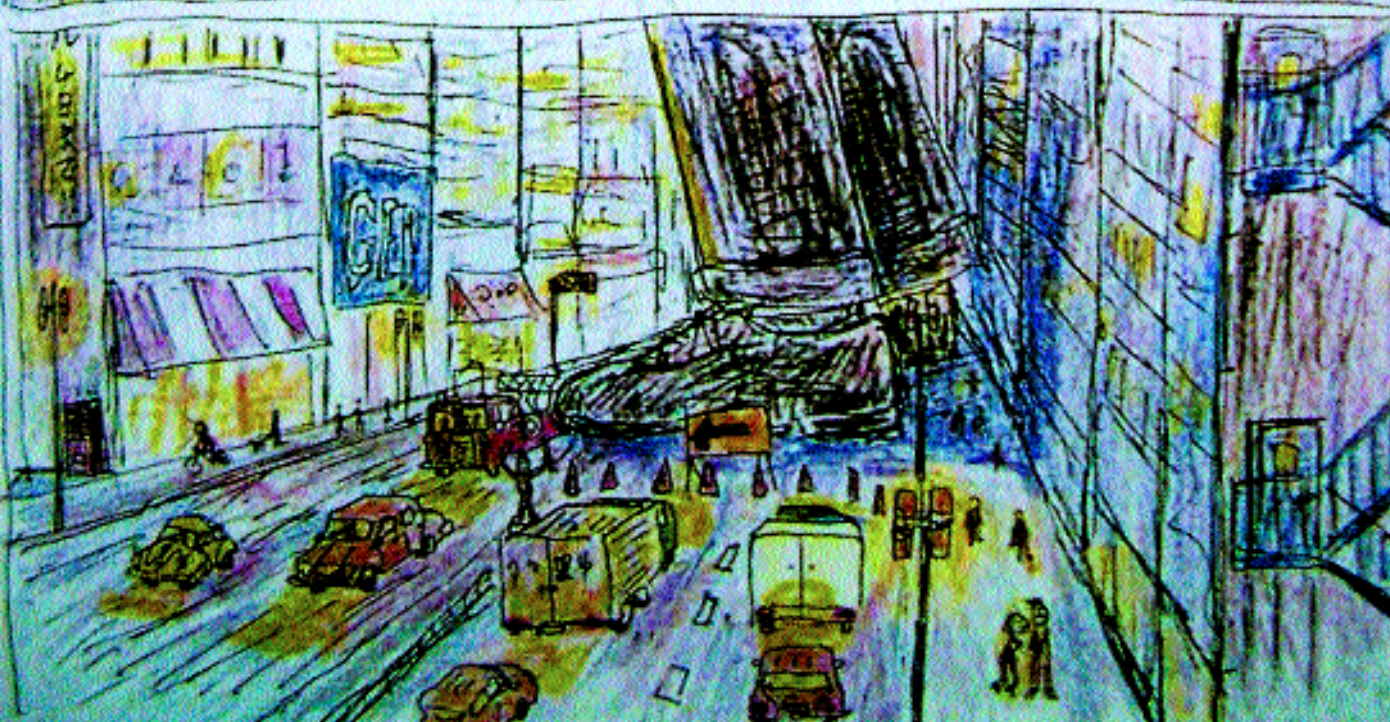
A BUSCA INTELIGENTE

Se a decisão de pesquisar for verdadeira começa, então, a busca e dela recebemos força para investigar. Escolhemos a compreensão intelectual ou a do núcleo espiritual em nosso coração? O poder mental é circunscrito pelos limites do pensamento intelectual e ele não poderia ultrapassar as fronteiras do espaço e tempo, enquanto que a *centelha-do-espírito*, de onde deriva toda a filosofia da Escola Espiritual, é parte da eternidade e pode, portanto, abrir-nos as portas da eternidade. Simples assim. O homem, porém, geralmente fundamenta sua pesquisa sobre o mistério da vida na compreensão

I don't know what exact was
happened to me



I am bigger than the others



intelectual, sem levar em conta que, assim fazendo, limita seu campo de ação, e conseqüentemente naufraga. Essa atitude não é insensata? Entretanto, esse não é o caminho. A libertação e o plano em que ela se fundamenta são autênticos, evidentes e diretos; eles não correspondem a nenhum sistema de pensamento, nem a imagens virtuais, porém a uma outra dimensão da vida, que traz um caminho que pode ser trilhado. Se vós, jovens alunos, compreenderdes como a libertação se inicia, como ela progride e ao que ela leva, então, como grupo, sereis uma grande promessa para o futuro.

Não chegamos à libertação por meio de análise filosófica, nem por meio de discussões intermináveis, por explicações eruditas, nem pela eloquência. Não existe nenhuma palavra, nenhum ambiente, nenhuma imagem, nenhum gesto que a faça penetrar em nós ou que nos faça nela penetrar. No entanto, é justamente isso que tentamos fazer! Pensemos tão-somente no universo musical agressivo, provocante e ensurdecedor dos jovens.

A música age sobre nosso sistema, sobre os centros auditivos e motores, sobre as faculdades de aprendizagem, como a memória e a concentração, sobre as emoções e a criatividade. Os trabalhos científicos comprovaram que ela pode até modificar o cérebro; disso pode-se deduzir que o cérebro é um órgão plástico, moldável. Imaginai, por pouco que seja, as implicações contidas nisso!

O INSTRUMENTO APROPRIADO

É necessidade imperiosa tomarmos consciência, tão logo quanto possível, de tais fenômenos e de sua

importância, a fim de podermos aspirar e abrir-nos a um campo de vida desembaraçado de todo esse tipo de influência. Com relação a isso, a Escola da Rosacruz Áurea estabelece neste mundo uma realidade que ultrapassa a razão humana e o quadro do espaço-tempo. A Escola Espiritual se inscreve na corrente da Gnosis, corrente essa que, desde a “queda”, é vertida sobre a humanidade. Incansavelmente, ela transmite a mensagem universal de libertação. A Escola não é apenas uma comunidade de pessoas religiosas e não transmite apenas uma filosofia. Ela representa tudo o que encerra a *Gnosis* – o conhecimento verdadeiro. E o *conhecimento* é simples.

Podereis perguntar se isso não seria uma afirmação exagerada. Como pode uma coisa tão importante e tão grandiosa ser tão simples, quando o mundo e a humanidade, como acabamos de ver, são tão complicados? E por que, então, os grão-mestres da Escola teriam escrito tantos livros? E qual a razão para tantas conferências públicas e de renovação e tantos serviços templários? No entanto, repetimos: o conhecimento, a Gnosis, é a própria simplicidade. Ela é tão simples que até uma criança pode compreendê-la.

E a causa de tudo parecer tão complexo e tão pouco compreendido é porque utilizamos o instrumento errado. A percepção sensorial e o mental comum fornecem-nos apenas o conhecimento exterior. Eles só percebem e abarcam a superfície das coisas; mesmo quando se trata de centros energéticos. O princípio de unidade, a idéia, o plano lhes são ocultos.

De uma árvore vemos, por exemplo, os galhos e as inúmeras folhas,

mas não as raízes. Façamos uma comparação: os sentidos e o entendimento funcionam como um fragmentador de papel. Eles reduzem a pedaços um documento cujo teor permanecerá ignorado para sempre. Enquanto, de cabeça baixa, continuarmos investindo contra o muro do eu, com nossa sede de informações, seremos sufocados pelo pó que levantamos.

“SIMPLIFICAI E MINIMIZAI”

Na complexidade do mundo, não é possível encontrar um método realmente eficaz. Assim, não há razão de nos admirarmos ao ver muitas pessoas aguardarem que um novo Moisés desça da montanha, com seus mandamentos, a fim de esclarecer a situação. Nossa pretensa autonomia e liberdade na multiplicidade tornou-se um exercício extenuante. A vida é, para o homem, um gigantesco quebra-cabeças de incontáveis peças do qual nos falta o esquema de referência. O mundo onde devemos atuar tornou-se incrivelmente instável e mais opressivo que nunca, pois não sabemos em que nos agarrar, a que princípio aderir. Costuma-se dizer: *Segui vosso próprio caminho, sois livres*. Todavia, para onde ir, que direção tomar? Quando, na vida, estamos implicados em assuntos confusos, é dito: “simplificai e minimizai”. (KISS, *Keep It Simple and Small*). E nós dizemos: “busquemos a simplicidade”, a qual reside no cerne de todas as coisas, como em nós reside a rosa-do-coração. Nela se encontra a força da libertação. A rosa-do-coração pode conduzir o homem pesquisador à unidade, uma vez que ela não faz parte da multiplicidade deste mundo. Ela é uma par-

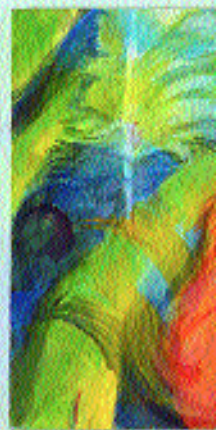
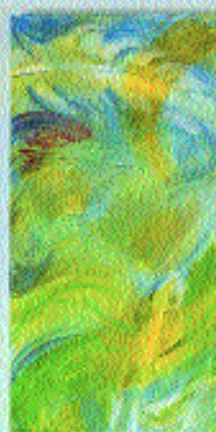
cela da eternidade, a simplicidade por excelência, pois é nascida de Deus, que é Unidade.

Vosso núcleo espiritual contém uma força potencial que, em determinadas condições, pode ser liberada. Essa força, a kundalini do coração, primeiro desperta um novo entendimento e uma nova percepção: pensar e ver com o coração, discernir, conhecer todas as coisas a partir do núcleo central. E aquele que desse modo pensa e vê, vê “simplesmente”, pois vê a complexidade englobada na idéia da Unidade divina. E, então, ele encontra a pulsação da verdadeira vida, onde a verdadeira vida se encontra, onde é escrita a história de um novo mundo, de uma nova humanidade. Ele se aproxima do divino, que está nele.

O SENTIDO DA VERDADE

Isso nada tem a ver com a abordagem forçada da realidade fabricada e sugerida, bastante apreciada nas novelas sensacionalistas, nas transmissões ao vivo e nos assim chamados *reality shows*. A abordagem sensorial dos fenômenos é uma coisa, a abordagem da verdade é outra: esta depende exclusivamente do despertar da rosa. Nesse despertar nasce o sentido da verdade, e o olho que a percebe abre-se. O poder sensorial e o poder mental nos fazem penetrar na multiplicidade do que é visível, porém nos distanciam da verdade una e invisível. Eles criam uma distância, um afastamento. E é justamente com esses poderes que desejamos nos aproximar da verdade!

No processo de libertação, o fator decisivo é, portanto, a vitória sobre o eu, sobre o poder sensorial, sobre o intelecto e sobre tudo o que se rela-





Viagem sem fim. 1998, composição em quinze quadros, acrílico sobre tela. Maria Silva, 330x200 cm. O quadro é um exemplo da arte que forma uma ponte entre dois mundos. As plumas representam a liberdade; as flores são a imagem da beleza; as molduras brancas remetem ao mundo imutável, de onde tudo se origina; as cores representam as formas e os movimentos no mundo da manifestação e da mudança. Coleção particular. Foto Inge Ybema/BTH.

ciona a eles, inclusive o plano etérico. Denominamos *endura* o método de neutralização do eu. Esse método tende a abolir, pouco a pouco, a distância que nos separa da verdade, e inclui a multiplicidade na unidade. A neutralização do eu não significa o aniquilamento de vossa existência. Pelo contrário, liberta-a de uma aparência de vida, gerada e mantida pelos sentidos e pelo intelecto. E o meio para isso é a força-luz.

Uma particularidade da Escola Espiritual é a de ter desenvolvido um campo de luz mediante a liberação de uma tremenda força, graças ao trabalho intenso orientado para a natureza superior ao longo de dezenas de anos. Ela estabeleceu sobre a terra um novo cosmo, um mundo protegido, uma morada de luz com todo o equipamento necessário à renovação do mundo e da humanidade. Essa morada, dizemos, está totalmente “mobiada”.

Por que falamos assim? Para dar a entender que o candidato à libertação não pode se instalar com seus velhos móveis na morada de Deus, quando ele ali for acolhido. Deixando para trás as posses do eu, ele é bem-vindo como morador, e nada lhe faltará. Ele recebe tudo o que é necessário para sua libertação. Ali, nenhum aluguel lhe é cobrado. O único valor a ser pago, impossível de pechinchar, é o abandono do egocentrismo. Por isso é dito que um buscador da verdade deve estar “nu e pobre, livre de toda posse”, pois a nova morada existe na e da força original.

NÃO PALAVRAS, MAS FORÇA

Meu reino não consiste em palavras, mas em força, diz a Bíblia. Essa força reside em vosso coração. Este é o segredo: aqueles que possuem em seu coração uma rosa ativa possuem um “órgão” muito especial; ela está neles, mas não pertence a este mundo; ela lhes permite submeter-se à luz da Gnosis e experimentar o verdadeiro conhecimento. A Escola Espiritual possibilita que nos aproximemos dessa luz libertadora. A cada batida de nosso coração, ela nasce em nós. Ela se oferta a nós; ela penetra o grupo até o coração de cada um. Percebê-la, recebê-la, nela crer e a ela se entregar faz sua força trabalhar *em* nós e nos tornar conscientes. É uma aurora, uma ressurreição. Esse é o *plano*! Essa é a idéia central da criação, a intenção da perpétua força impulsionadora no Universo. Quando reagimos corretamente a esse impulso, recebemos o poder de atenuar, ou mesmo de pôr um fim aos sofrimentos da humanidade.

Trilhai o caminho da Luz, executai o Plano, realizai aquilo em que acreditais e realizai tudo por amor.

Eva colhe a maçã da árvore do conhecimento do bem e do mal. Escultura na Igreja Santa Maria de Souillac, ca. 1130.

O JARDIM DO ÉDEN

O professor David J. Chalmers é um erudito notável devido a suas penetrantes e ponderadas formulações sobre a consciência, tão freqüentemente chocantes, mas que têm como objetivo estimular as pessoas e levá-las à reflexão.

A questão é a seguinte: “o ser humano sem uma alma nova e sublime pode ser considerado homem?” Sua visão é surpreendente. Por exemplo, em Freiburg, em novembro de 2003, ele disse o seguinte:

“No Jardim do Éden, estávamos em contato direto com o mundo. Estávamos familiarizados com os objetos e suas propriedades. Eles nos eram apresentados diretamente, sem nenhuma mediação causal, e as propriedades se revelavam a nós em sua glória intrínseca.

No Éden, uma maçã vermelha era vermelha para nós, perfeita, gloriosa e simplesmente vermelha.

Não havia necessidade de uma cadeia causal da microfísica a partir da superfície da maçã através do ar até o cérebro para vê-la. Apenas o vermelho perfeito da maçã nos era revelado.

A cor vermelha em nossa experiência originava do reflexo do vermelho perfeito no mundo edênico.

O Éden era um mundo de cor vivente, perfeita. Então, aconteceu a queda.

Primeiro, comemos da árvore da ilusão. Em consequência disso, os objetos pareciam às vezes possuir cores e formas diferentes, em ocasiões diferentes, muito embora houvesse razão para se acreditar que o objeto em si não havia sofrido nenhuma transformação. A ligação entre a experiência visual e o mundo tornou-se variável, dependente de fatores desconhecidos: já não podíamos aceitar que a experiência visual nos apresentava o mundo sempre como ele era.

Depois, comemos da árvore do conhecimento. Aí, descobrimos que, quando vemos um objeto, há sempre uma complexa cadeia causal que envolve a transmissão da luz do objeto para a retina e, com a transmissão da atividade elétrica, da retina para o cérebro. Essa reação em cadeia foi disparada pelas propriedades microfísicas, cuja ligação com as qualidades de nossa experiência parecia inteiramente arbitrária. Já não havia razão para crer na existência de um conhecimento direto entre nós e as gloriosas propriedades primitivas do Éden, nem mesmo que os objetos possuíam essas propriedades.

Não vivemos mais no Éden. Talvez o Éden nunca tenha existido; talvez ele não pudesse ter existido.

Porém, o Éden ainda representa um poderoso papel no modo como percebemos o mundo. Às vezes, nossa percepção representa o mundo como um mundo edênico, cheio de cores e formas perfeitas, com objetos e propriedades que, sem qualquer intermediação, nos são revelados diretamente.

E ainda que tenhamos sido expulsos do Éden, ele sempre determina, como um tipo de ideal, o conteúdo de nossa percepção”.



A DOR OU A ALEGRIA DAS EXPERIÊNCIAS

Dois tipos de alunos na Rosacruz moderna

Há algum tempo foi realizada, em Barcelona, uma conferência pública tendo como tema o pensamento hermético, à qual assistiram numerosos alunos da universidade. Um dos conferencistas alegou que uma crise existencial seria a condição necessária para fazer de qualquer pessoa um buscador da verdade, um sedento de pensamentos, de sentimentos e de inspirações mais elevadas. Então, uma jovem perguntou: “É realmente indispensável ter de passar por uma crise interior para nos tornarmos um buscador? Não existe uma outra maneira de chegar a esse estágio?”

Esta pergunta mostrava uma profunda experiência. Percebia-se nela claramente a atitude de um buscador e uma nova abordagem da vida muito embora ela não tivesse manifestado se conheceria uma crise existencial.

Com efeito, numerosos são aqueles que, após sua passagem pelo Trabalho da Mocidade, tornam-se alunos por razões outras que uma crise pessoal. Portanto, com justa razão, surge a questão sobre a necessidade de uma crise. Por que essa exigência? Será que o ser humano somente sairia em busca da verdade devido ao sofrimento e à aflição? Não pode acontecer de ele ser conduzido, desde a mais tenra idade, de modo progressivo, à experiência gnóstica, sem qualquer tipo de tensão?

Por que não poderíamos conhecer

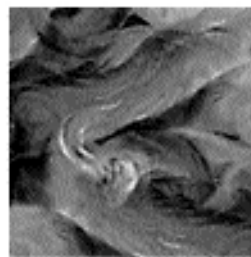
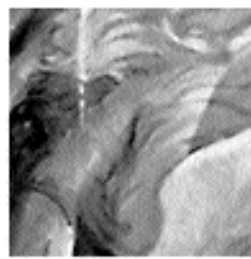
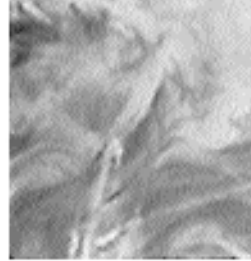
um desenvolvimento espiritual harmonioso e um desabrochar regular da alma, até alcançarmos a iluminação e o verdadeiro despertar? Estas são perguntas importantes que nos remetem a um problema fundamental.

Aqueles que já passaram por uma crise existencial em sua busca pela verdade estão convencidos de que não poderiam libertar-se das cadeias de seu condicionamento de outro modo.

UM CHOQUE, UMA GRAÇA

Muitos dentre nós, através da educação recebida, formaram uma imagem do mundo, imagem essa que condicionou seus conceitos filosóficos e religiosos e que engendrou seus preconceitos. Eles foram confrontados com a vida no estado de passividade natural de criança, lançados como locomotivas nos trilhos do conformismo... e, por isso, cedo ou tarde, foram descarrilados. Que choque, ao descobrir, de repente, que o mundo não era assim como tinham descrito. Porém, esse choque atuou como uma graça.

Essa “saída dos trilhos” aconteceu a cada um em função de seu passado. Todavia, é uma grande graça escapar dos condicionamentos da juventude. Somos forçados a constatar que, em nossa época, esse tem sido o privilégio de muitos jovens, e não somente nas fileiras do Trabalho da Mocidade do Lectorium Rosicrucianum, como é o caso da jovem questionadora.



A comunicação entre
jovens em Norwich,
Grã-Bretanha. Foto
© Pentagrama.

DOIS TIPOS DE ALUNOS NA ROSACRUZ MODERNA

Portanto, é com razão que se poderá também dizer que a verdadeira vida humana somente começa quando a vida em preparação e em desenvolvimento se desprende da terra. Desse modo torna-se compreensível que se denomine Cristo um Ser solar e que nos seja dito que devemos nos tornar como ele. Muitos milhões de seres se intitulam cristãos, do que dever-se-ia concluir que, se compreendessem perfeitamente o que Cristo disse, qual o seu propósito e o que ele fez, deveriam querer segui-lo onde quer que ele estivesse. Mas somente poder-se-á compreendê-lo e segui-lo completamente quando se possuir um corpo-alma e se estiver, portanto, estruturalmente em condição de seguir esse caminho através de toda a essência solar. Clamar-se-á, então, espontaneamente, pelo reino de Deus.

Podemos agora indagar: quais são as características da vida solar? Assemelha-se de algum modo à vida terrestre? A esta pergunta deve-se responder enfaticamente que a vida solar de maneira alguma tem algo em comum com a vida terrestre. Todo esforço, todo aborrecimento, todas as tensões e misérias, com as quais temos de lutar aqui na terra, lá são absolutamente desconhecidos. O envelhecer e a tragédia do fim não são ali conhecidos. As tensões entre os povos, com todas as suas conseqüências, lá também são desconhecidas.

As condições de vida e o estado de ser no mundo solar são inteiramente consagrados à grande meta de nossa existência, para a qual a alma-vivente nos enobrece.

Sua busca não é o resultado de uma crise, de uma experiência dolorosa, de uma amarga decepção. Ela decorre logicamente de um livre desenvolvimento da consciência, de um tipo de curiosidade motivada por uma sede de conhecimento, de conhecimento original. Foi essa sede, conhecida por muitos dentre nós, que a conduziu para a Escola da Rosacruz Áurea.

Todo ser humano recebe sua parcela de sofrimento e dor, que deve ser aceita. Ninguém escapa disso, pois a vida é assim mesmo. O mundo está submetido à impermanência. Sofremos quando não aceitamos que as coisas passam e não podemos retê-las. A personalidade terrestre é vulnerável; ela experimenta a mudança e o envelhecimento. Ela também adoece de vez em quando, e o sofrimento não a poupa, pois atinge a todos. Na sociedade, todos os homens estão expostos às mesmas dificuldades, às mesmas fraquezas: todos são confrontados com a fugacidade das coisas, todos passam por doenças, todos sofrem. Mas a coisa é totalmente diferente para os que se libertam, desde a mais tenra idade, das idéias estereotipadas da massa.

É uma alegria constatar que atualmente determinadas circunstâncias cármicas permitem que os jovens se engajem no caminho da verdade em condições mais tranquilas.

Encontramos, portanto, na Escola, dois tipos de alunos: os que se tornaram buscadores em conseqüência de duras provas e os que se tornaram buscadores devido ao único pressentimento de uma vida nova, perfeita, e do desejo de elevar-se numa realidade infinitamente maior. Seja como for, todos são atraídos pela Gnosis, pela esperança de se libertarem.

Aqueles que, de modo brutal, tiveram de “sair dos trilhos” adquiriram experiência e conhecimento do mundo em primeira mão. Eles perceberam os aspectos negativos deste campo de vida e desvendaram a natureza humana. Essa é a razão de estarem todos dispostos a nortear-se pelo

novo campo de vida. Eles desenvolvem uma certa aversão por este mundo, sim, até mesmo uma certa hostilidade. Já os outros são, antes de tudo, animados por um reconhecimento espontâneo da Gnosis manifestada e por um desejo de servir sem, contudo, rejeitar o mundo. Acontece que muitos não compreendem uma tal rejeição, e dizem: *Sim, certamente este mundo nem sempre é um lugar agradável de se viver, porém isso não é nenhuma novidade. Devemos conviver com isso, portanto deixemos de dramas!* Estes últimos tendem menos que os primeiros a tomar decisões drásticas. Eles são claramente menos radicais.

Esses dois tipos de alunos caminham juntos na Escola, onde aprendem uns com os outros, enriquecem-se mutuamente e se completam.

O INVERSO CAMINHAR DA FLAMA

Segundo o ensinamento universal, a entidade humana é única em seu gênero porque seu núcleo central é uma centelha de origem divina. Para se manifestar, essa centelha deve ter à sua disposição um corpo e uma atmosfera energética, ou melhor: um céu e uma terra. Do mesmo modo, a flama divina, emanada do Logos planetário que irradia no coração de nossa terra, tem necessidade de um planeta com uma atmosfera para poder realizar sua tarefa no corpo solar. O desenvolvimento do planeta e de seu céu efetua-se de baixo para cima: do reino mineral ao reino vegetal, em seguida ao reino animal, e deste ao reino hominal. Neste último estágio aparece a autoconsciência.

Denominamos “campo de respiração microcósmico” o sistema terra-céu de um microcosmo. Esse campo de

respiração se desenvolve segundo o mesmo princípio: da vida atômica à vida etérica, desta à vida astral, e finalmente à vida mental, que precede a manifestação da autoconsciência.

O avanço da flama divina faz-se em sentido inverso: primeiramente ela é um impulso divino, um amor divino, uma vontade divina cuja manifestação sutil se realiza do abstrato ao concreto, por meio de um instrumento: o ser microcósmico, com sua terra e seu céu, tendo a consciência humana como elo intermediário.

A grande dificuldade sempre surge na fase da união do divino e do humano, pois a consciência humana deve dispor de bastante compreensão para poder reconhecer a manifestação sutil da flama divina. Se este for o caso, esse reconhecimento conduz a uma cooperação e a uma fusão, de onde nasce uma consciência universal. Esse é o resultado dessa cooperação. A consciência “céu-terra” é absorvida numa supraconsciência, na consciência “alma-espírito”.

UM NOVO NASCIMENTO PARA A HUMANIDADE

A fusão alquímica não significa “perder-se”, embora às vezes recorramos a essa expressão. A água se transforma em vapor, porém é sempre água, mas num estado diferente.

Para um ser humano, esse estágio corresponde ao renascimento. À semelhança do nascimento humano, ele é sempre acompanhado de contrações, de tensões e dificuldades. Todo recém-nascido encontra resistências. Ele chega a um mundo desconhecido, sem saber o que o espera.

Do mesmo modo, os obstáculos se erguem diante do homem que ingressa no novo estado de alma-espírito.

Ele entra num mundo totalmente desconhecido e encontra-se exposto a diversos tipos de tensão. Em geral, quanto mais afinidade existe entre a personalidade e a matéria, mais intensa é a crise existencial que o leva à busca.

A peculiaridade de nossa época reside no fato de que a humanidade está sendo coletivamente levada a um processo de renascimento, e não como acontecia em tempos passados. *Estamos diante da alvorada de uma nova era em que a humanidade experimenta as dores do nascimento.* Devido à sua forte cristalização causada pelo materialismo, seu novo nascimento é preparado em meio a dores que nenhum narcótico pode atenuar. Não se deixem paralisar pelo sofrimento. Sejam como uma mãe amorosa que está à espera de um filho, espera essa que torna as dificuldades e os esforços insignificantes.

UMA ESCOLA PARA A ALMA-ESPÍRITO

Vivemos, portanto, numa época extraordinária. É um grande privilégio podermos testemunhar o nascimento de um novo dia espiritual e dele participar. É da maior importância que não encaremos as coisas superficialmente, que não nos deixemos desorientar pelas aparências, mas que penetremos a verdadeira natureza dos acontecimentos para

que possamos compreender e suportar o tumulto, as tensões e os sofrimentos dos tempos atuais. A Escola Espiritual tem o mérito de ajudar-nos neste sentido. Ela nos auxilia em nosso esforço para enxergar por trás das aparências e compreender o plano que se encontra em atividade, do qual falamos há pouco. Nela não recebemos lições sobre moral e bons costumes. Esta é uma escola da alma-espírito, que nos instrui sobre o nascimento do novo homem, do homem-alma-espírito, para os novos tempos.

Esse homem alma-espírito nasce tão logo o “velho homem terra-céu” tenha percebido e assimilado a tríplice flama da *idéia-amor-vontade* nascida do fogo divino. A flama desce e assenta sobre sua cabeça: então, ele tem a mesma visão que João, no Apocalipse. *E vi um novo céu e uma nova terra, e o antigo céu e a antiga terra haviam desaparecido.*

Façamos uma comparação simples: quando fervemos um pouco de água, um momento depois temos um pouco de vapor. A vitória sobre o antigo e o ingresso na nova vida é igualmente simples. Nosso conservadorismo, nosso apego à realidade exterior e nosso medo do desconhecido é que podem dificultar a passagem.

Quanto mais a alma tiver adquirido maturidade devido a seu passado cármico, mais a transmutação é facilitada. É assim que se explica o fato de tantos jovens, hoje em dia, abordarem a busca da verdade sem ter de atravessar fases críticas. Aquilo que neles parece ser uma tendência espontânea é, na realidade, o resultado de existências precedentes, no decorrer das quais já terá havido uma aproximação da Gnosis.

O que é necessário, o que se torna imprescindível, é uma orientação inteiramente nova de todos. E dizemos enfaticamente: de todos os que são jovens ou que ainda se sentem jovens.

ALEGRIA, AMIZADE E REALIZAÇÃO

Vamos imaginar que perguntemos às pessoas: *Gostariéis de transpor as fronteiras do espaço-tempo? Ter acesso a uma vida sem limitações? Ver-vos livres do vosso egocentrismo? Ingressar na vida divina regida pela lei do amor, onde a morte não existe?*

Muito poucos responderiam de forma negativa, não é mesmo? Por que, então, entre todos que responderiam *sim*, um tão pequeno número se aplica à tarefa? É porque a Gnosis não pode penetrar sua consciência; a luz da verdade não pode iluminar seu universo mental. Esta é a razão da exortação de todos os grandes em espírito: *Despertai! Erguei-vos! Abri-vos à Luz!* Por sua vez, a Escola Espiritual da Rosacruz Áurea convida insistentemente seus alunos a *examinar se aquilo que crêem ser luz em si mesmos é a verdadeira luz da Gnosis, e não trevas.*

Por fim, fica ainda a pergunta: como alcançar a iluminação? Que métodos os alunos empregam para esse fim?

Emprestamos nossa resposta da antiga sabedoria chinesa: *Nosso método consiste na ausência de método. Nosso método é desprovido de exercícios práticos ou de técnicas. Por fim, nosso método não requer nenhum procedimento particular.*

Contudo, é preciso adquirir, de modo planejado, certo conhecimento concreto e compreensão dos acontecimentos. Apenas na medida em que nosso comportamento for algo refletido, pensado, poder-se-á eventualmente qualificá-lo de método. De modo geral, os métodos utilizados para fins de realização espiritual reforçam o eu, constroem o corpo e

Agora conheceis o caminho, o método para o renascimento da alma. Pois bem, nossa proposta é que todos vós, sem exceção, trilheis o caminho, que aceiteis as conseqüências dessa decisão e que, de conformidade com o espírito e a prática de nosso trabalho, vos auxiliéis internacionalmente. Propomos que vos esforceis ao máximo, a fim de tornar realidade a senda da auto-realização e, dentro do prazo estipulado, a leveis a bom termo. Quanto a isto, a Escola vos faz a promessa de que deseja ajudar-vos e vos ajudará em todos os sentidos no desenvolvimento desse processo, pois para isso ela foi trazida à existência. A quem a Escola deveria dirigir-se senão aos jovens? E a todos aqueles que ainda se sentem jovens? Jovens em tenacidade, jovens em perseverança, jovens em todas as possibilidades realizadoras internas e em energia!

a mente e obrigam o intelecto a especular indefinidamente. A verdadeira realização não requer nenhum empreendimento especial, mas apenas um determinado estado de espírito, uma base de comportamento, pleno de alegria irradiante que tudo ilumina à nossa volta e que apresenta tudo em uma nova dimensão.

Nossa existência torna-se uma sucessão de experiências renovadoras, rica em descobertas, plenificada pelos toques luminosos da Gnosis. Na luz de uma nova manhã mundial, nossas obras irradiam. O discipulado não é um caminho de dor, e mesmo nos momentos mais difíceis é um caminho de alegria, de amizade e de realização.

A MISSÃO E A MAGIA DA ARTE



Nos anos que se seguiram à segunda guerra mundial, J. van Rijckenborgh era o redator-chefe da revista *Nieuw Religieus Oriëntering*, publicada pela Escola Espiritual. Aqueles foram anos em que se tornou bastante claro que um grande número de princípios, valores e normas anteriores à guerra já não tinham valor algum. Os jo-

vens se encontravam diante de uma nova abordagem do ensinamento, porém certamente faltavam, no domínio da arte em particular, bases teóricas e práticas. O texto que segue reproduz uma alocução que J. van Rijckenborgh dirigiu aos jovens, abordando o tema arte, ciência e religião na sociedade.

Com relação à arte referimo-nos, assim escrevia J. van Rijckenborgh, às normas esotéricas, científicas e religiosas cujas origens a sociedade esqueceu. A arte representa um dos aspectos da realidade, o aspecto plástico na vida. Ela não existe por si mesma. Nós a vemos como um dos três elos da corrente constituída pela ciência, religião e arte. A ciência é a *idéia*: a *idealidade*. A religião é a força que se liga à *idéia* e se torna *vitalidade*. A arte que se materializa na vida torna-se *realidade*.

Todo ser humano dispõe de uma certa *idéia* das coisas e de uma certa força. Em certo sentido, todo ser humano pode ser considerado um artista. O que nele vive como força abstrata exterioriza-se como arte. Mediante a arte, o abstrato se torna concreto. Entretanto, hoje em dia, a dissensão entre os indivíduos é tal, que uma apreciação unânime da arte é impossível. E se acontecer de as opiniões concordarem, será apenas por razões de cultura: cultura dialética ou religiosa.

A CULTURA: EDUCAÇÃO OU TREINAMENTO?

No plano cultural, o indivíduo se encontra totalmente sujeito ao conjunto de idéias estereotipadas que são transmitidas a cada geração. Elas inspiram aos jovens muitas de suas atitudes. Eles vêem as coisas conforme a educação ou o “treino” recebido. As idéias, ancoradas no treino intelectual, controlam o pensar e o querer, impelindo a maioria das pessoas a um comportamento gregário. A percepção sensorial depende do estado sanguíneo, que é influenciado pela educação e pelo ativismo. Portanto, a educação e todos os antepassados exercem seu poder. O ser humano é estimulado e dirigido por instintos primitivos. Sua natureza,

seus sentidos, seu intelecto e sua vida determinam como sua natureza se exterioriza. Esses aspectos culturais podem tornar-se refinados com o passar dos séculos, porém são imutáveis.

Cada região demonstra uma identidade cultural. Desse modo, cada um possui algo como um passatempo, uma atividade de sua predileção. Sabemos tudo isso, pois também fazemos o mesmo, e por isso também somos responsáveis por esta situação. Por outro lado, não podemos fazer outra coisa, pois trata-se de herança sanguínea. Nascemos neste campo de existência e devemos pagar por isso. Porém, essa forma de cultura com sua arte é uma ilusão total, ela não torna ninguém feliz. Por mais belas que sejam, as obras de arte jamais serão libertadoras. Mesmo quando sentamos em nossa casa em total conformidade com nossa cultura mental, ainda assim nos tornamos, em determinado momento, conscientes de nosso aprisionamento, e surge o desejo de ver até os mais belos objetos desaparecerem.

O CRITÉRIO: TEORIA OU PRÁTICA?

Chega um momento em que, suspirando, pensais: *Ah! Se tão-somente pudesse me livrar disso!* Tomais consciência do quanto sois cativados pela ciência, pela força, e pela arte do *reino dos céus*. Até o presente, essa força ainda era pura abstração, ainda não a conhecíeis de forma consciente. Mas é bom saber que ela é uma das três radiações que emanam da tríade em questão: idealidade, vitalidade, realidade; e que estes três influxos incitam a uma realização superior. Mas, pelo fato de se manifestarem, de início, de forma abstrata, não podeis responder a eles de imediato, pois vosso estado natural inspira um sentimento de *insa-*

Bleus mouvants
(Azuis movediços).
Frantisek Kupka,
1924. Óleo sobre
tela, 110x108 cm,
Musée des Beaux
Arts, Rennes.

tisfação. A consequência disso é: as velhas coisas já não vos dizem mais nada, elas causam náusea e, então, estais maduros para a revolução. Chega, portanto, o momento, com a condição de que sejais buscadores espirituais, em que vos encontrais num impasse. Algumas pessoas conhecem esta situação, porém apenas de modo teórico. Seu primeiro impulso é completar sua cultura, segundo os critérios deste mundo. O espírito do *reino dos céus* ainda não as pode tocar. Muitas pessoas sentem-se satisfeitas consigo mesmas. Para elas, os discursos da Rosacruz são pura teoria. A Rosacruz não se dirige a elas – e nem poderia. Ela se dirige apenas ao ser humano em quem se verifica uma certa reminiscência. Surpreendidos por essa memória – essa *pré-memória* – não podeis vos sentir senão estranhos neste mundo. Porém, compreendi bem: quando descobrires que a cultura não traz nenhuma felicidade, isto não significa que *devais negá-la*.

Felizmente, ainda existem muitas coisas belas aos olhos, das quais deveis gozar, até onde puderdes. Mas, com relação à arte, deveis compreender sempre que o poder evocador e a magia da arte dialética tendem sempre a manter-vos sob o jugo desta dialética. Somente após serdes tocados pelas forças do reino longínquo é que podeis apreciá-las de maneira correta, e rejeitá-las, pois então estareis penetrados pela idéia de que existem coisas mais belas, que se elevam muito acima da vida dialética.

A FORÇA DO REINO LONGÍNQUO

A Rosacruz moderna afirma que não podemos romper com a cultura antes que as forças do reino longínquo nos tenham tocado e surja a reminiscência. Há muitas pessoas que recuam

diante das consequências desse toque, pois falta-lhes a coragem necessária. Quando uma pessoa é profundamente tocada pela pré-memória, ela se vê invadida por uma idealidade e uma vitalidade extraordinárias, sendo, assim, conduzida a uma nova realidade. Ela seguirá, então, por caminhos diferentes dos da massa. Através de duras experiências, perceberá que a nova realidade não se encontra na esfera deste mundo, mas, sim, na do longínquo reino dos céus. Não podeis instaurar uma nova realidade neste mundo, pois isso é impossível; ambos se destroem e se incendiam mutuamente. Lembrai-vos da tentativa de Judas. Ele tem sido sempre descrito como um malfeitor. Nada, porém, é menos verdadeiro. Na realidade, Judas foi um homem extremamente culto e simpático. No círculo dos discípulos, ele foi o mais intelectual e, devido a seu estado de ser, encontrava-se muito acima de seus discípulos. Ele compreendia perfeitamente o que Jesus desejava. Enquanto os outros discípulos duvidavam e se perguntavam o que iria acontecer, Judas tinha o controle da situação.

E quando Jesus disse: “Meu reino não é deste mundo”, Judas concebeu um plano para estabelecer o Reino dos céus sobre a terra. Mas, ao perceber claramente que não era isso a que Jesus aspirava, tentou desencaminhá-lo, provocando uma crise. Ele pensou: “Se eu deixar que o meu Senhor seja capturado, ele será obrigado a resistir, e tão logo as garras tenebrosas o envolvam, ele estabelecerá o reino de Israel. Então, será forçado a liderar uma revolução.” Por isso, vós, jovens, deveis atentar bem, se a reminiscência vos chama, para não fazerdes como Judas.

A maioria das Igrejas sempre se esforçou para instaurar uma teocracia

terrestre. O verdadeiro aluno nada faz nesse sentido, pois sabe que através da edificação de seu corpo celeste participa de um novo campo de vida, um mundo onde religião, ciência e arte são unos. Não é verdade, por exemplo, que a beleza seja revelada através de uma pintura, como um belo objeto que, ao ser visualizado, poderia ser fixado. Não. A sublime beleza pertence somente ao reino dos céus, onde tudo se funde inteiramente. Mas, ainda não estamos lá.

Contudo, a história está repleta de exemplos de pessoas que acreditavam já terem lá chegado e se retiravam em claustros e mosteiros para melhor apreciar a vida eterna. Em realidade, eles enveredaram por uma rota falsa: o grande processo de libertação e de redenção é algo que se realiza em trabalho grupal. Enquanto o último homem não for libertado, o reino dos céus permanecerá uma utopia para nós. Deveis renunciar à idéia de que podeis redimir o *eu*, iniciá-lo, libertá-lo. Um *eu* liberto é algo que não existe. Se existir algum desenvolvimento na senda, este só poderá ser o resultado de um esforço comum. Na Europa ocidental, tudo está centrado no indivíduo, enquanto que cada microcosmo pertence a um conjunto.

A esfera terrestre é um organismo complexo. O total campo de vida é um único organismo complexo; tentai, portanto, imaginar que uma multidão de seres forma, em conjunto, um único e mesmo ser. A terra, como uma parte de nosso planeta, compreende todo tipo de formas de vida. Quando um único elemento se retira do jogo, o inteiro campo de vida é perturbado. Tudo deve colaborar para que, mediante a pluralidade, a Unidade se demonstre. Subordinai, pois, tudo à comunidade. Que o vosso eu nela

submerja inteiramente, espontaneamente. Enquanto ele não participar totalmente nessa fusão, não estará em sintonia.

Na qualidade de jovens, sois um *eu*, e com essa consciência-eu abris um caminho. Mas, em dado momento, deveis colaborar com outras pessoas a fim de realizar em conjunto um grande trabalho. É então que o *eu* se vê em apuros! Porém, se considerardes que o trabalho é comunitário e começardes a participar do esforço comum, isso será uma grande aquisição no plano espiritual.

Enquanto existirem pessoas que ainda não encontraram o caminho da vida superior e que não tenham sido “conduzidas ao lar”, a fraternidade do reino longínquo permanecerá ao nosso lado.

A onda de vida humana conta com um grande número de microcosmos, desde o primeiro de sua manifestação. Uma parte deles encontra-se aqui e uma outra no além, uma outra ainda encontra-se no que a Bíblia denomina “trevas exteriores”, e a última se encontra no reino dos céus. O número de microcosmos é fixo e nenhum, nem mesmo o mais insignificante, fica sem ser chamado. Por isso a fraternidade da vida sempre colabora com aqueles que são dignos, a fim de conduzi-los de volta ao lar, e a Eternidade atua, no mundo temporal, por meio de três raios: ciência, religião e arte. A ciência, a idéia, é irradiada continuamente sobre a humanidade. A religião, a vitalidade, é também ligada à massa, e a realidade deve, de um modo ou de outro, tomar forma. O *ensinamento* universal, a *força* universal e a *maçonaria* universal são liberados e concorrem, pelo menos em parte, para a revelação da grande Luz.

Algumas pessoas são, desde o nascimento, na juventude, ou em qualquer outro momento de sua existência, tocadas pelo reino longínquo, ao qual, a partir desse momento, passam a viver em auto-rendição. Cada um reage a esses três raios de acordo com seu temperamento. Esses três raios também são designados como: a realeza, o sacerdócio e a arte real da construção.

Todo aluno da Escola Espiritual tem em si alguma afinidade com essas radiações, cada um segundo sua natureza. Todos, contudo, desejam servir seus semelhantes, seja por meio de suas tendências filosóficas, sacerdotais ou artísticas! Tomemos como exemplo aquele em quem se manifesta basicamente o aspecto artístico. Ele também deseja auxiliar o seu próximo.

Sua *arte*, porém, não se origina na dialética, embora ele faça uso dos meios dialéticos de expressão, pois, de outro modo, ninguém o compreenderia. Quando um obreiro revela desse modo algo do reino da luz, seja pela forma, cor ou som, ele o faz com a intenção de tocar aqueles que deseja ajudar. Ele pode testemunhar da ordem divina no mundo em diferentes matizes, seja por fulgores de inteligência, de beleza, de consolo ou de libertação. Às vezes podemos ver esses quatro aspectos reunidos numa mesma obra. Aquele que se sente impulsionado a evocar algo do reino longínquo não recorre à pura estética, a fim de não desencorajar o homem da massa. De certo modo, ele se encontra entre a arte e a mensagem, assumindo a imperfeição de sua obra. Na literatura também podemos encontrar esses quatro aspectos reunidos. Tomada pelo impulso interior do reino da luz, uma pessoa escreve um livro de refle-

xão penetrante que tocará a humanidade como um julgamento mediante um raio da beleza, uma onda de consolação ou uma incitação à libertação. Tal tipo de literatura sempre oferece também o quarto aspecto: a redenção.

A ARTE É UMA PONTE ENTRE DOIS MUNDOS

Tudo, mas tudo mesmo, deve ainda ser feito no domínio da arte. Um pintor ou um escultor deve aplicar-se firmemente em trabalhar em *um* desses quatro aspectos. O músico, isto é, o compositor, também deve levar isso em conta. Com efeito, há uma enorme quantidade de trabalho em perspectiva. É preciso que apareça uma arte que sirva de ponte. Assim que a radiação do reino da luz vos toca, reagis a ela e, sob a pressão dessa realidade, descobris a amplitude de vossa tarefa. Não podeis simplesmente subtrair-vos a ela. Outra coisa não podeis fazer, senão obedecer ao que a voz interior diz. Nisso se manifesta a maior coragem possível e, então, tereis êxito.

Podeis começar com meios simples. Tudo aquilo que movimentou o mundo teve sempre um início muito simples. Não recuseis a oportunidade que se apresenta agora, pois não mais a tereis. Agarraí-a, pois tudo é possível. Socialmente podereis seguir vosso caminho de desenvolvimento, se é isto o que vos indica a voz interior!

Se desejais trazer algo à humanidade, deveis caminhar com ela, cooperar com ela. Nenhuma reforma, no futuro, será possível sem a unidade de grupo. Podeis, em conjunto, lançar uma ponte entre o homem das massas e o reino da luz. Servindo de ponte entre as duas esferas de vida, a dialética e a estática, provocareis muitas resistências.

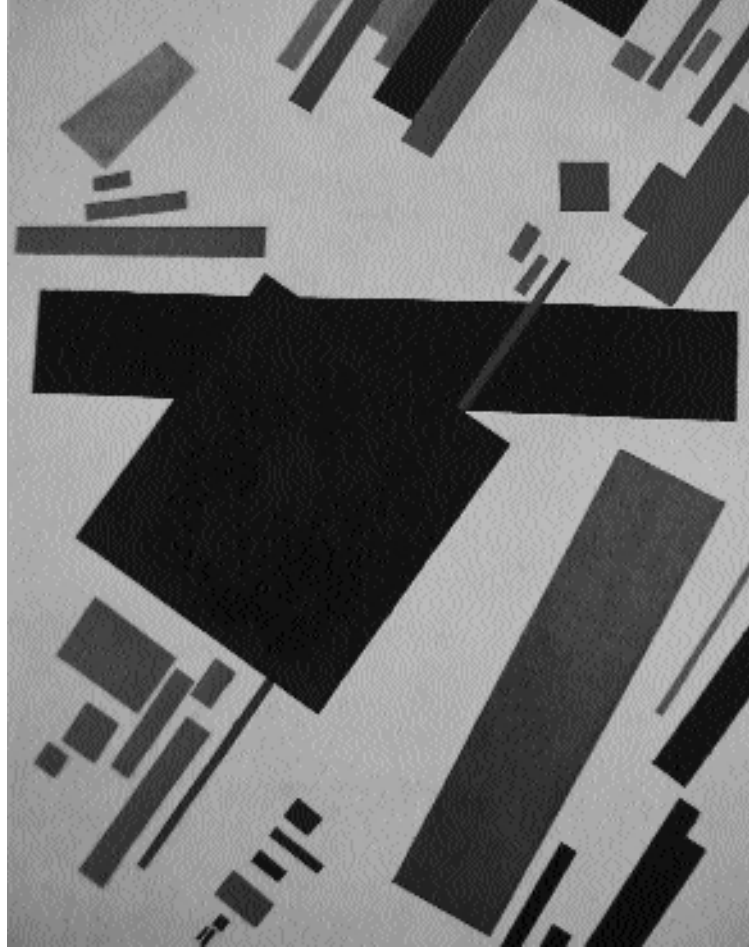
Livrai-vos de toda autoridade – experimentai a arte no que ela tem a vos dizer pessoalmente. Suponhamos que estivésseis diante da obra *A ronda da noite*, de Rembrandt, e que a tendência geral fosse achar essa obra admirável, muito embora não pensásseis desse modo. Não vos deixeis seduzir pela mentira e não vos curveis diante da autoridade em vigor. Evitai responder, se for preciso mentir; ou então expressai francamente a vossa opinião. Sede muito honestos convosco. Não digais que algo é belo, quando assim não pensardes. Julgai por vós mesmos, recusando toda autoridade. Se ainda não estiverdes interiormente enobrecidos para reconhecer a obra de arte que, como uma ponte, liga os mundos, tampouco qualquer autoridade exterior poderá conferir-vos essa aptidão. E, certamente, quando o momento chegar, vós a reconheceréis espontaneamente.

A MAGIA DA NOVA ARTE

Então, a magia da arte se revelará. Segundo meu entendimento, essa magia somente pode se manifestar quando forma o vértice do triângulo, cuja base é formada pela idealidade e a vitalidade, ou seja, a ciência e a força universais. A magia surge no vértice do triângulo quando, graças à reminiscência, a ligação é restabelecida entre os três aspectos. Então, existe um saber interior seguido do impulso para irradiar sob todas as formas possíveis.

Não se aprende a magia libertadora da arte – toda tentativa nesse sentido resulta na magia negra –; ela é um poder que nasce em nós quando nos tornamos dignos.

Quando um artista não possui os três vértices do triângulo, não pode exercer a arte que forma a ponte entre



os dois mundos. Mas o artista que é chamado é um mago. Por conseguinte, uma grande força emana de sua obra.

Há obras de arte sobre as quais se diz: “É tão simples, e contudo tão poderosa”. Neste caso, seu criador era um mago.

Quando um músico autêntico está ao piano, quando um verdadeiro autor pega sua caneta, uma força mágica irradia da obra. Mais que a forma, o som ou a cor, é essa força que se apodera da assistência e gera a unanimidade entre os que compreendem a obra. Eles reconhecem a arte de estender uma ponte entre os mundos a título de cultura espiritual. E dirão uns aos outros: “Vocês viram isto? Ouviram aquilo? Perceberam como isso e aquilo irradiam luz?” Tal é o poder contido na arte de ligar os mundos, a arte do futuro. Mãos à obra; o mundo espera que vos decidais a entrar em ação. Então, grandes coisas acontecerão.

Pintura
suprematista.
Kasimir Melevich,
1916. Óleo sobre
tela, 88x70 cm.
Museu Municipal,
Amsterdã.

SOMOS LIVRES?

Cada ser humano depende de radiações e forças eletromagnéticas que formam sua personalidade, sua sociedade, seu mundo e até mesmo todo o cosmo. É em vão que pretendemos ser livres e trocamos, com nossos semelhantes, opiniões a respeito da liberdade.

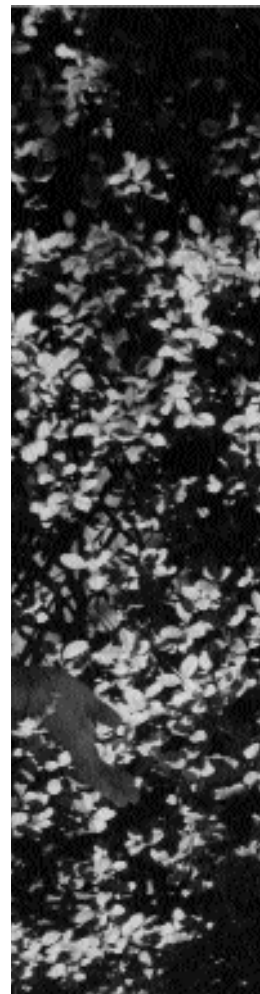
Encontramo-nos numa imensa prisão, tanto como indivíduos quanto como microcosmos. Alguns ornamentam os muros de sua prisão com a cultura, com ideais, com perspectivas para o futuro, com o humanismo, com a religiosidade e com todo tipo de magia. Os poderes deste mundo nos controlam e nos prendem à nossa condição por meio de forças, radiações planetárias e das influências do ser aural, também denominado por alguns de “eu superior”. Em muitas pessoas, contudo, fazem-se valer uma aspiração e uma profunda nostalgia que caracterizam especialmente os membros do Grupo de Jovens Alunos e explicam o motivo de estardes hoje aqui reunidos no templo Catharose de Petri.

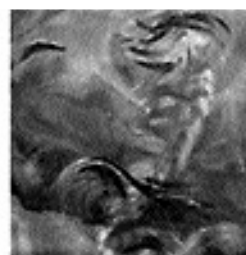
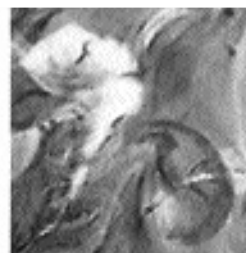
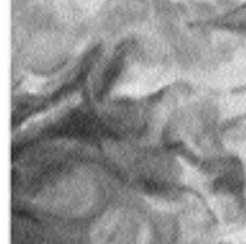
Os grão-mestres, dois obreiros e servidores da Fraternidade da Luz, testemunharam dessa Luz e, com o auxílio de numerosos pioneiros, edificaram um corpo vivo. Esse corpo vivo pode ser comparado a um espaço livre, um vácuo de Luz, mediante o qual cada microcosmo que se manifesta através de nossa personali-

dade é chamado a seguir um caminho de libertação. O caminho de libertação pelo renascimento da alma é traçado, e cada um, de modo individual e ao mesmo tempo em grupo, tem a oportunidade de segui-lo e de responder ao chamado da eternidade.

O QUE É A ETERNIDADE?

Não é fora, mas em nosso interior que podemos entrar em contato com a eternidade. Isso que aqui dizemos nada tem a ver com qualquer filosofia ou abordagem dogmática, tal como o mundo o propõe. Embora expressas com palavras, as verdades das quais falamos são como ondas de luz áurea que se infiltram na obscuridade deste mundo. Essas forças luminosas permitem-nos, como grupo, compartilhar nossa nostalgia. Elas oferecem uma realidade à qual damos o nome de *alma vivente, corpo vivo, campo astral da ressurreição*. É a essência que se encontra em nosso coração, tendo como ponto central o átomo centelha do espírito, o qual está ligado ao corpo vivo, o campo da ressurreição. Os impulsos emitidos por esse campo energético devem abrir-nos de modo totalmente novo para a





realidade. Cada um de nós encontra-se na senda da Rosacruz. Tornamo-nos alunos da Escola Espiritual há pouco, ou há muitos anos.

Hoje à tarde esta conferência chegará ao fim. Em breve, iremos nos separar. Agora, trata-se de saber o que faremos de nossa vida a partir de amanhã. Sabemos que tudo depende de nós, que o futuro repousa em nossas mãos, particularmente o futuro do microcosmo por meio do qual estamos ligados ao macrocosmo. O conhecimento, a pré-memória e a alegria de que participamos

neste momento serão sempre levados conosco, em nossa vida cotidiana, estejamos sós ou em companhia de nossos condiscípulos, de nossos colegas, de nossos amigos ou de membros de nossa família. Por um lado, somos personalidades, mas por outro lado, somos portadores da eternidade cuja luz começa a se revelar. Permitam-nos servir-nos de algumas imagens. Uma gravação musical, um livro que nos agrada particularmente, são cuidadosamente guardados num lugar seguro. Temos o cuidado de molhar regular-

Jovens refletem.
San Pellegrino,
Itália. Foto:
© Pentagrama

Imaginais que milhares de jovens decidam adotar esse novo conceito como sendo o fator mais importante de suas vidas. Daí resolvem, com todo seu ser, responsabilizar-se pela execução dessas normas. Ao mesmo tempo, cumprem inteiramente suas tarefas profissionais, suas funções sociais. Sentem profunda compaixão por todos aqueles que se esqueceram de sua verdadeira vocação e natureza. [...]

Com sua presença, eles sustentam o trabalho da Escola Espiritual, de modo que aqueles que buscam vêem e sentem a vibração, a vida e o dinamismo de nossos grupos de jovens. Esta descoberta é sempre inspiradora e incita, principalmente em nossos tempos, à reflexão. [...] Para eles prevalece o seguinte: tudo no mundo e na existência vem em segundo plano – depois da formação da alma! [...] Se agirdes desse modo, se vos submeterdes a esses conceitos, todos aqueles que entrarem em contato convosco terão o máximo proveito. Estamos juntos em meio à agitação dos tempos, em prestabilidade, vivendo dos novos valores e concepções. Testificaremos o único caminho de salvação pela atitude e atividade de vida.

mente uma planta no jardim ou dentro de casa. Tratando-se de um amigo, tudo fazemos para conservar sua amizade. E o que faremos, então, em face da eternidade? Nós a levamos em nosso coração, como uma semente que pode germinar e crescer até tornar-se a *árvore da vida*. Ela é o melhor e o mais precioso amigo que temos. Não se trata de nós mes-

mos, mas do *outro em nós* que deve ser protegido, nutrido e respeitado. Ele deve ser sustentado e fortalecido num mundo de sofrimentos, no mundo do eu, do conflito perpétuo entre “egos”! Do mesmo modo como damos à planta a água necessária para seu crescimento e sustento, assim também devemos dar o necessário à eternidade da qual somos portadores. Ela tem necessidade da água da vida, de éteres nutritores puros. Mas onde encontrá-los?

A CONSTRUÇÃO DE UM TEMPLO INTERIOR

O templo Catharose de Petri é um dos sete principais templos da Rosacruz atual. Nós que aqui estamos reunidos sabemos que temos de construir um outro templo, feito sem pedras e sem cimento. Temos de erigir um *templo interior*, uma nova construção não destinada ao nosso uso pessoal, mas à Luz, um foco decente e apropriado onde ela possa irradiar. Falamos da pré-memória, da nostalgia da eternidade, que nos impeliu para a Rosacruz. Ora, não podemos encontrar a eternidade senão em nosso interior. Não existe nenhum Eldorado, nenhuma viagem que nos leve até ele, nenhuma esperança de encontrar uma praia onde possamos passar dias felizes pelo resto de nossas vidas, entre banhos de sol e o prazer das ondas, nenhum lugar sobre a terra do qual poderíamos dizer: “Aqui é o paraíso”. Jamais o descobriremos fora de nós mesmos. Entretanto, o paraíso existe, e o caminho que nos leva até ele passa pelo coração. Isso todos podemos compreender e admitir. Portanto, não é tão difícil levar à Luz, à fonte que dessedenta, ao templo,

esse novo ser em germinação.

Até agora falamos apenas de nós mesmos, na qualidade de buscadores individuais que entraram em contato com a Escola Espiritual da Rosacruz Áurea. Mas, atualmente, existem centenas, milhares de pessoas que partilham conosco a mesma aspiração. A Escola criou as condições favoráveis à serenidade, ao repouso e à paz. Durante uma conferência de renovação, deixamos nossas preocupações habituais e nos concentramos no essencial: a eternidade em nós. Liberamos em nós um espaço para o Outro, para o verdadeiro amigo de toda vida. Fazemos isso no interior de um grupo, unidos pela mesma tarefa e pelo mesmo objetivo. Grande é o número dos que nos precederam nesse caminho. São centenas de irmãs e irmãos que, como novas almas, deixaram para trás o mundo do espaço e tempo. Essa comunidade-de-alma, livre da matéria, forma um canal pelo qual afluí a Água Viva no corpo vivo da jovem Gnosis. Essa Água Viva está à disposição de todos que se encontram no templo durante os serviços e conferências de renovação, nos países e cidades em que habitamos.

Sabemos por que estamos aqui reunidos: fazemos parte de um grupo de alunos aspirantes da Escola da Rosacruz Áurea. Aqui não há autoridades, mestres a serem venerados, ou alguém a quem devamos elevar nossos olhos. Aqui existe somente um grupo admitido num processo de transmutação, que recebe a Água Viva que sustenta a eternidade em nós. É uma graça poder participar desse desenvolvimento. Imaginemos uma espiral ascendente composta de milhões de seres que aspiram à Luz. À medida que essa

espiral se eleva, esses seres recebem mais e mais Luz. Cada um de nós se encontra em algum ponto dessa grande espiral, permanecendo, contudo, sempre ligado a um grupo de amigos, de irmãs e irmãos. É uma fonte de alegria, de alegria interior que se propaga em nossa vida cotidiana, mesmo quando, nos momentos difíceis, como a perda de um amigo muito querido, as tensões do trabalho, os estudos, a assimilação de grandes quantidades de cursos e leituras e a execução de muitas tarefas, permanecemos, não obstante, ligados ao processo no qual fomos admitidos por nossa reação ao chamado para o renascimento da alma.

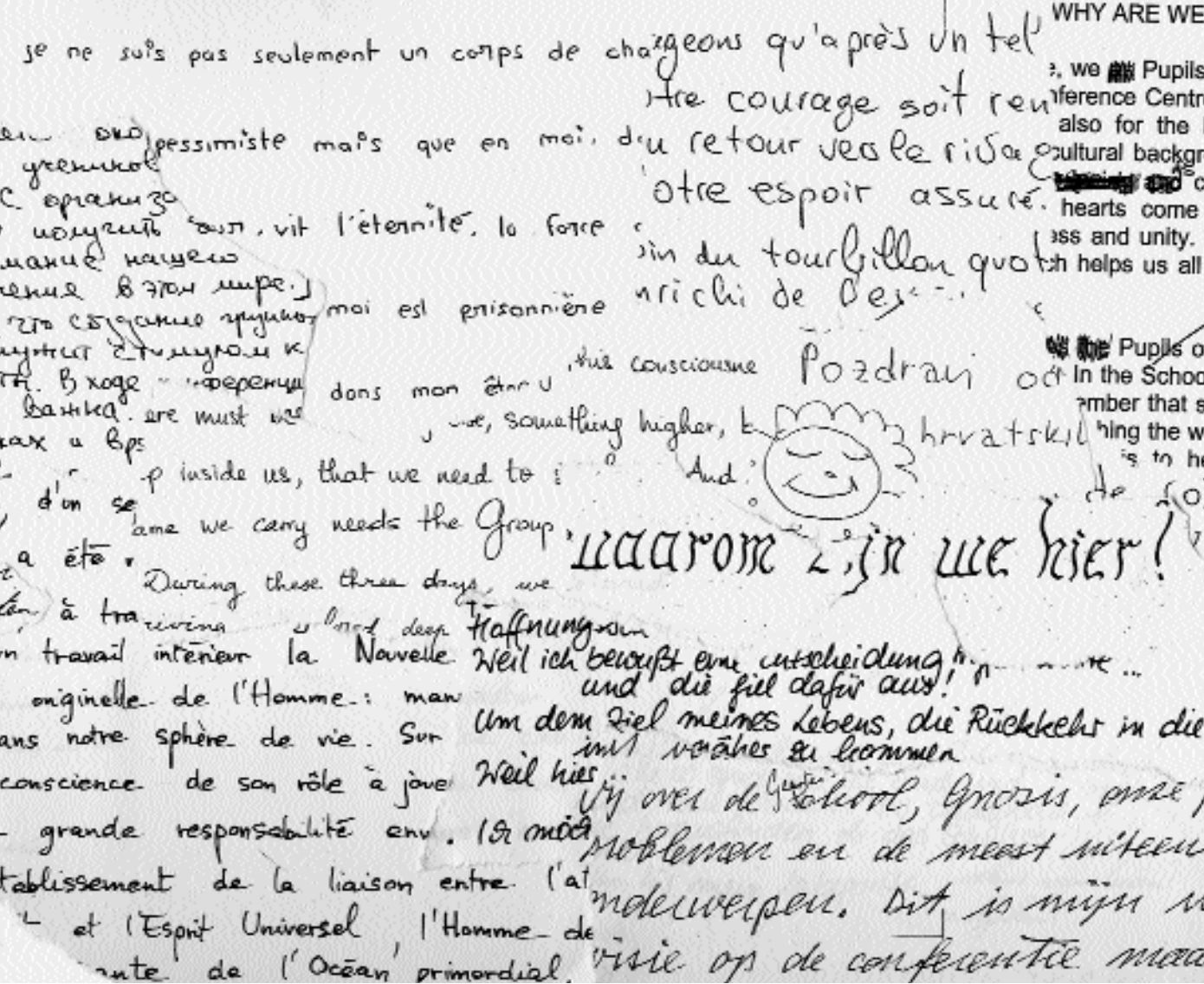
TRANSFIGURAÇÃO

Transfiguração. Ouvimos falar sobre ela. Estamos no âmago da questão. Saberemos melhor o que ela representa à medida que percorrermos o caminho traçado pela Escola. Fomos tocados pelo primeiro raio da Gnosis, que chama cada um nós e nos soergue. Essa marcha de desenvolvimento exige de nós seriedade e aplicação. Portanto, não seguimos o caminho de cabeça baixa, abatidos por sentimentos de tristeza, de autopiedade e de culpa descabidos. Todas as indicações necessárias ao bom desenvolvimento do trabalho são dadas pela Escola. Nossa evolução individual e grupal não significa uma busca de liberdades exteriores. A liberdade é interior, sua fonte está no coração. Um dia, do coração nascerá uma alma vivente. Em virtude da consciência-eu, somos todos almas naturais. Somos o que somos. A dualidade está em nós. Somos seres duplos: de um lado temos o eu e a personalidade, de

aana segurame 42MI IN ZABAUNI DRUENJE E N)IMI saís que
 y a dco, don PIRA RAZLIZNE POGLEDE NA SOI, NA
 a nos hareme NA SUOJE PROBLEME. TO JE ^{an seen ee} ^{Rocem nasruti ka}
 a que la most GLED NA UDEJSTVOVANJE NA KO ^{na gyañu morogox}
 ne ser consequent TRANJECA JE VELIKO TEŽJE ^{OPRICO} ^{Sugjet pacu.}
 im y ver que NEMO ^{giggul sabalyohlu} ^{pyunt my smoke}
 enssik. ^{antseun a esportnal, min} ^{stunno upeghazhu}
 sisarina. Na ^{pregusta} ^{stne nam kanerca}
 istaan voimaa ja ^{adokataintat illetien it eggein} ^{mogox yrenov uoc.}
 amme polulla. ^{g a esport egiozeinul nioyjah.} ^{atany getxon padu}
 aavassa me koulumme ^{of} ^{ittletit hellemer is hellemeren} ^{pt asphatu, kak dco}
 urta tyota koko ihmisku ^{it, hiseen solssar egymas asissolito} ^{sto 8 namux py}
 at veljia ja sisaria keskenaan, ^{naun div munhaja seilotta ast a tu} ^{nyon cgerast sto}
 naan paalla. Jokaisen ihmisk ^{naun div munhaja seilotta ast a tu} ^{nyon cgerast sto}
 takaisin todelliseen ktiinsa. ^{ferenci} ^{is elletit. it asphalatatan}
 me etr ^{ferenci} ^{is elletit. it asphalatatan}
 syjema ^{Intmacting it tim maito; dater al ellyat is gentel}
 sistemy ^{Dea bracht, oli ut in onself ewaren hinknen in. hui}
 vnicu u itam postanskun ^{os, in de gastenschol etabliar par}
 dana koji je ^{zapravo jedna} ^{okocao przyjad i przygano} ^{a sym}
 jednom i jednom ^{pravom} ^{istku, praca, ktora i to stozylis'm}
 must kaže utinski. "DA" ^{is na jednosc grupong.} ^{i naste uenia}
 i ima pozitivna i odgovornost ^{end d'ors}
 danasi, te obeda da de su ^{onde, de sa}
 divot staviti u pomoć "tome" ^{istashny grupa braci i siostr, przyjan}
 dođe tamo gdje ga se ^{zoveg dośwadeczeniami i budowanis grup.} ^{Par le rē}
 zini je u ^{tom} ^{Ciljedego. Daziki temu twazy sig mieda, "}
 da doci ^{na gesez.}

outro lado temos o portador da Vida. O fato de perseverarmos juntos torna-nos mais e mais conscientes e sensíveis ao impulso interior e ao calor da Vida. O nascimento da nova alma impõe exigências, para cuja observância a sabedoria universal sempre recomendou: *Busca o reino de Deus. Bate à porta da eternidade e ela se abrirá. O reino de Deus está mais próximo que pés e mãos; ele está dentro de ti.* No centro do microcosmo que nos envolve, a centelha divina inflama-se mediante sua ligação com a eternidade. Então, carregamos em nós o reino original! Quanto mais nos conscientizamos disso e lhe concedemos um

lugar em nosso coração, melhor compreendemos o que devemos fazer em nossa vida, qual é nossa tarefa, e o que ainda é mais importante: qual a missão do grupo. Graças a uma visão cada vez mais clara, avançamos em perfeita unidade e fraternidade. A divisa do trabalho futuro da Escola resume-se numa palavra: *fraternidade*. Nossa tarefa é formar um grupo, uma comunidade de homens e mulheres libertos das limitações e dos entraves devidos ao nosso estado sanguíneo, às fronteiras nacionais e lingüísticas e aos conceitos tacanhos. A linguagem da eternidade e da alma poderá, então, ser ouvida.

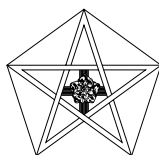


AS PORTAS DE SATURNO

Neste ano de 2004, celebramos os oitenta anos da fundação da Escola Espiritual. Ingressamos numa nova fase de desenvolvimento. Atravessamos as portas de Saturno. Segundo os ensinamentos da Escola, os planetas dos mistérios exercem sobre nós uma influência sempre crescente. Possuímos um tesouro interior e sabemos que estamos engajados num processo extraordinário. Abraço-nos mutuamente e escutemos uns aos outros. Encontramo-nos num campo magnético muito especial mediante o qual somos ligados a uma corrente de luz e amor.

O amor é uma força que provém da sexta região cósmica. Ele desperta, ele desmascara. Ele penetra o campo da Escola e vem ao encontro da corrente que aspira à unidade através da alma.

O amor é uma radiação. Ele une e realiza uma colheita de novas almas. A fraternidade universal dos homens está trabalhando hoje, e continuará a trabalhar até que a última alma esteja liberta. *Busca e acharás, bate e se te abrirá, pois o reino de Deus está mais próximo que mãos e pés.* O reino de Deus está em cada um de nós.



*A arte não existe por si mesma. Nós a vemos como
um dos três elos da corrente constituída pela ciência,
religião e arte. A ciência é a idéia: a idealidade.
A religião é a força que se liga à idéia e se torna vitalidade.
A arte que se materializa na vida torna-se a realidade.*

*(A missão e a magia da arte,
de J.van Rijckenborgh, p.32)*